SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA
IX
(Colecção louvada pelo Ministério de Instrução Pública)

PEDRO FERNANDES THOMÁS

CANÇÕES POPULARES DA BEIRA

ACOMPANHADAS DE 58 MELODIAS RECOLHIDAS DIRECTAMENTE DA TRADIÇÃO ORAL

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1923

CANÇÕES POPULARES
DA
BEIRA

SUBSÍDIOS PARA A HISTORIA DA ARTE PORTUGUESA

IX

(Colecção louvada pelo Ministério de Instrução Pública)

PEDRO FERNANDES THOMAS

CANÇÕES POPULARES

DA

BEIRA

ACOMPANHADAS DE 58 MELODIAS RECOLHIDAS
DIRECTAMENTE DA TRADIÇÃO ORAL

COM UMA INTRODUÇÃO POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1923

Desta edição
tiraram-se 100 exemplares em papel de linho
numerados e rubricados

PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO

Estando ha muito esgotada a primeira edição desta colecção, que viu a luz da publicidade em 1896, na Figueira da Foz, sai ela agora em nova edição refundida e ampliada com mais algumas canções, recolhidas na mesma região.

Nesta edição suprimimos os acompanhamentos de piano, que figuravam na primeira, reproduzindo-se as melodias tais quais o povo as canta, em toda a sua simplicidade, a exemplo do que já fizemos nas nossas colecções Velhas Canções e Romances populares, *e* Cantares do povo.

PREFACIO DA 1.ª EDIÇÃO

Iniciamos com a publicação do presente volume o archivo da poesia e da musica do nosso povo, que de ha muito vimos recolhendo em differentes pontos do paiz.

Inteiramente organisado e prompto a entrar no prelo desde 1891, motivos superiores á nossa vontade tem demorado até hoje a publicação d'este livro.

Começamos, na vasta colheita regional que temos feito, pela publicação das canções populares da pittoresca provincia da Beira, uma das mais originaes e caracteristicas do paiz, e onde se conservam ainda vivas e persistentes na memoria do povo innumeras lendas, canções e contos tradiccionaes, offerecendo ao explorador dedicado largo campo de investigação na litteratura e arte popular.

A facilidade de comunicações que actualmente põe em contacto directo a população das aldeias com as cidades, a emigração crescente para os centros populosos, tem influido d'uma maneira desastrosa nas canções do nosso povo, que vae abandonando as formosas e singelas cantigas tradicionaes, e as suas caracteristicas danças tão variadas e originaes, tro-

cando-as pelas pretenciosas danças de sala, ou pelos «motivos» mais ou menos deturpados da «operetta» em voga, pelo «fado» transportado das vielas escuras das cidades para os campos e para as aldeias, com a substituição da antiga «viola d'arame» pela moderna guitarra. . . .

Urge pois archivar o que ainda resta de verdadeiramente original nas ingenuas canções do nosso povo, e são esses os intuitos d'este livro.

Tanto a poesia como a musica foram por nós directamente recolhidas, e os acompanhamentos de piano revistos pelo distincto professor Hernani Braga.

Temos prompto a entrar no prelo um outro volume contendo grande numero de canções recolhidas no littoral do paiz, acompanhadas da respectiva musica, cuja publicação se não fará esperar.

Figueira da Foz, outubro de 1896.

INTRODUCÇÃO

1) Os estudos da musica e poesias locaes. — 2) O amor e o coração na poesia popular; veia satyrica do povo. — 3) Concepção poetica da Natureza. — 4) Observações physicas, moraes e psychologicas contidas nas canções. — 5) Elementos da vida collectiva: religião, superstições, costumes, linguagem. — 6) Meios de realçar o pensamento; estylo poetico. — 7) Variantes e suas especies. — 8) Fórma das cantigas; e influencia litteraria, sobretudo coimbrã. — 9) Importancia do livro do Sr. Pedro F. Thomaz.

1 — Como não vem a proposito escrever aqui a historia dos estudos das tradições populares, basta lembrar que no nosso país foi Garrett quem primeiro colligiu tradições populares com intuito scientifico, no seu *Romanceiro*, e que a este trabalho se seguiram outros, quer condensados em livros, quer dispersos em jornais e revistas. Nos meus *Ensaios ethnographicos*, vol. 1, parte 2.ª, indiquei a bibliographia completa do assumpto, e para lá tomo a liberdade de remetter o leitor curioso.

Tanto pelo que respeita á poesia, como pelo que pertence a outros ramos das tradições populares, não está ainda entre nós colleccionado tudo o que existe. Convém pois que em cada localidade haja devotados investigadores que com boa vontade vão

preenchendo as lacunas que ainda existem no thesouro da ethnographia nacional. Fallando especialmente da poesia lyrica local, — pois é d'ella que o presente livro se occupa —, notarei porém que, por exemplo, o Sr. Theophilo Braga já colligiu canções dos Açores nos seus *Cantos populares do archipelago açoriano*, o Sr. Silvio Romero canções brasileiras nos seus *Cantos populares do Brasil*, e mais que todos o Sr. Antonio Thomaz Pires canções alemtejanas nos seus *Cantos populares do Alemtejo*, publicados na «Sentinella da Fronteira», jornal de Elvas.

Agora traz o Sr. Pedro Fernandes Thomaz tambem a publico um valioso cancioneiro beirão, de mais a mais enriquecido com musicas populares: e isto é motivo para que todos os que tomam a peito estes assumptos se encham de satisfação.

A musica é elemento ethnographico importante, e por isso digno de estudo: de facto nos revela, como a poesia, o sentimento, o caracter, o gôsto e a aptidão esthetica do povo; alem d'isso, pela comparação da musica de differentes povos, podemos chegar a propôr e a resolver os mesmos problemas que a proposito da poesia. Já o Sr. Neves e Mello, em 1872, nos havia dado, nas suas *Musicas e canções populares*, uma primeira collecção de melodias populares, a qual, segundo tenho ouvido dizer, está bem feita. Ultimamente, em 1883, começaram a publicar no Porto os Srs. Cesar da Neves & Gualdino de Campos um *Cancioneiro de musicas populares*: a parte litteraria, pelo menos a dos quinze primeiros fascisculos, tem pouco valor, como mostrei na

Revista Lusitana, III, 190-192; da parte musical nada posso dizer. A estas duas obras se reduz o que existe ácêrca da musica popular.

Ainda pois tambem pelo que diz respeito á musica, o livro do Sr. Pedro Fernandes Thomaz não é superfluo, visto não haver muito no nosso pais sobre isso. Faltam-me conhecimentos technicos para apreciar a parte musical do livro, ainda que penso que ella será de muito merecimento, porque o Sr. Pedro Fernandes Thomaz possue grandes conhecimentos de musica, e cultiva-a com distincção; por tanto, nas breves observações que adeante apresento, limito-me ao estudo da parte litteraria.

2 — O povo, quando canta, revela na poesia toda a sua alma: o que pensa das leis morais da vida, do amor, da Natureza. Este livro dá-nos muitas provas.

> Estorvar-me que te ame,
> Só Deus tem esse poder...

diz-se a pag. 6; aqui está uma noção geral do fatalismo.

A nossa poesia popular é frequentemente triste:

> Tudo que é triste no mundo,
> Gostava que fosse meu;
> Para ver se tudo junto
> Era mais triste do que eu! (Pag. 45);

todavia na presente collecção poucas cantigas ha tristes.

O que domina sempre é a ideia do amor. E que delicados sentimentos ás vezes se exprimem!:

Meu amor está doente
Numa caminha de flores:
Nosso Senhor o melhore,
E lhe acabe aquellas dôres! (Pag. 192).

D'aqui para a tua rua
Tudo é caminho chão;
Tudo são cravos e rosas
Dispostas por tua mão. (Pag. 122);

canções em que se vê que o povo não acha nada mais digno da pessoa amada do que as flores.

Que arrojo de imaginação!:

Eu hei-de-me ir assentar
No circo que leva a lua,
Para ver o meu amor
As voltas que dá na rua... (Pag. 17)

Se me encontrares cadaver
Á porta de uma ermida,
Nem sequer com o pé me toques,
Que posso voltar á vida... (Pag. 9)

O desespêro de quem ama revela-se na seguinte quadra:

Tive um amor, tive dois,
Não quero ter nenhum mais;
Meu coração 'stá farto
De dar suspiros e ais... (Pag. 72)

Não pode haver em amor resignação superior á que nos seguintes versos se traduz:

> Não choro por me deixares,
> Que o jardim mais flores tem;
> Choro por não encontrares
> Quem te queira tanto bem. (Pag. 49)

Para o povo, como para o geral das pessoas, o coração é o orgão do amor:

> Menina, se sabe ler,
> Leia no meu coração:
> Dentro d'elle ha-de achar
> Se lhe quero bem ou não (Pag. 93);

mas o povo faz d'elle uma entidade perfeitamente distincta do corpo: numa cantiga diz-se que o coração, voando, foi cahir dentro do da pessoa amada, e que, tendo quebrado as asas, não pode sahir de lá (pag. 4); noutra o coração é como um cofre que se fecha (pag. 49), — ideia melhor desenvolvida nestes versos:

> Aqui tens meu coração,
> A chave para o abrir:
> Não tenho mais que te dar,
> Nem tu mais que me pedir (Pag. 139);

o que combina com as representações figuradas, pois a cada passo vemos em diversas manifestações da arte popular, como emblema ou como adôrno, um coração provido da sua chave.

Não raro porém todos os affectos e ternuras se

transformam em ironias. Que mais póde dizer um homem a uma mulher?:

> Eu amava-te, menina,
> Se não fosse um senão:
> Seres pia de agua-benta
> Onde todos põe a mão... (Pag. 92)

ou uma mulher a um homem?:

> Tanto dedal, tanto annel,
> Tanto agulheiro de prata;
> Tanto asno pelo mundo
> E a palha sem 'star barata! (Pag. 180)

3 — Já acima vimos como o povo recorria á Natureza, ás flores, para aproveitar elementos poeticos. A concepção poetica que o povo forma da Natureza é realmente muito notavel. Elle invoca-a constantemente, a proposito de tudo: *Denegrida violeta, quem me dera a tua côr! Oh arvoredo fechado, não digas que eu aqui vim! Estrellas do ceu cahi! Oh alto e verde cipreste, cobre-me com a tua sombra!* O cravo e a rosa são os typos perfeitos das flores:

> Oh que pucaro tão bello,
> Que agua tão saborosa!
> Quem na bebe é um cravo,
> Quem na dá é uma rosa! (Pag. 49)

4 — Ao mesmo tempo que na poesia exprime os seus sentimentos intimos, o povo faz de vez em quando observações de toda a ordem:

a) « physicas: Junqueiro perto do mato é signal

de fonte haver» (pag. 193), «Oh alta Serra da Estrella, onde coalha a neve pura!» (Pag. 247);

b) moraes:

Minha mãe chamou-me Rosa,
Tinha de ser desgraçada;
Pois não ha nenhuma rosa
Que não seja desfolhada (Pag. 167);

«quem não quer que o mundo falle, não lhe dê occasião» (pag. 194);

c) psychologicas:

Quando te encontro na rua,
Baixo os olhos num momento:
Olho p'rá terra que pisas,
E com isso me contento... (Pag. 8);

Aquelle primeiro amor
Que no mundo tem a gente,
Não sei que doçura tem,
Que lembra constantemente! (Pag. 75);

5 — Pelo estudo da poesia popular apreciamos ainda muitos elementos da vida collectiva: a religião, as superstições, os costumes, — pois de tudo o povo se aproveita para exprimir os diversos estados de consciencia; e apreciamos ainda por vezes tambem as variações da linguagem. Aqui vou dar diversos exemplos.

A última parte d'este livro contém canções locaes, e lá achará o leitor algumas manifestações do sen-

timento religioso, alem de outras dispersas no corpo da obra, como:

> A Senhora do Castello
> Tem uma capa bordada:
> Quem me dera assim ter uma,
> Para dar á minha amada! (Pag. 228).

No *Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, ha tambem (se bem me lembro, pois cito de memoria) uma situação em que o Padre colloca sobre os hombros de Amelia o manto de Nossa Senhora.

Na quadra:

> As telhas do teu telhado
> *São vermelhas, tem virtude:*
> Passei por ellas doente,
> Logo me deram saude (Pag. 181)

vejo o vestigio de uma antiga superstição, pois para alguns povos a côr vermelha goza de virtudes mirificas contra os maus espiritos: é ainda por isso que freqüentemente se vêem na testa e ao pescoço dos animaes, — jumentos, bois, cabras, etc. —, fitinhas vermelhas, que o povo vae explicando ja hoje como mero enfeite (e por isso ás vezes emprega, embora não vulgarmente, outras côres), mas que tem differente origem. O auctor d'aquella quadra não quer dizer, segundo penso, que a saude lhe proveiu propriamente da virtude das telhas: elle sabe que as telhas, sim, tem virtude ingenita; mas por outro lado, o de passar junto da porta da namorada é-lhe salutar: então, por um elegante conceito, funde

as duas ideias, e faz apparentemente attribuir ás telhas, — cuja virtude suppõe sabida — a saude que só lhe chega da namorada. As quadras da pag. 57 e pag. 70, que são parallelas, uma á outra e se completam mutuamente.

O annel de azeviche preto
Anda-me aos saltos no dedo:
Eu ando ameaçado
De quem tenho pouco medo...

O annel que tu me deste
Anda-me aos saltos no dedo;
Se tu me quiseras bem,
O annel estaria quêdo...

parece-me conterem tambem um echo supersticioso, mas falta-me o tempo para entrar agora em desenvolvimentos.

As allusões aos costumes populares na poesia popular abundam. Este livro offerece-nos por exemplo as seguintes. A pag. 109 diz-se: « O lencinho que bordaste tem dois corações no meio »; é sabido que nas tendas, principalmente em feiras, se vendem lenços com corações bordados e com versos; por outro lado os lenços constituem prendas muito vulgares entre os namorados, como já mostrei nas *Tradições populares de Portugal*, pag. 216. Nos descantes populares da Beira não falta nunca a viola; uma cantiga diz:

Menina, não se namore
Do tocador da viola;
Que elle é de fóra da terra,
Faz a sua e vai-se embora. (Pag. 119).

Outros costumes se podiam ainda mencionar, como o de ter parreira á porta (pag. 93), e certos costumes campestres, etc. Ás vezes os costumes e instituições a que se allude são antigos, como a *penna aparada*, isto é, penna de ave para se escrever (pag. 145), os enterramentos nas igrejas, já hoje raros (pag. 123), os conventos (pag. 115), o que prova que, — e não era precisa essa prova para aceitar o facto —, que as quadras que hoje se cantam, datam, no geral, de tempos remotos.

Quanto á linguagem popular, o livro do Sr. Pedro Fernandes Thomaz offerece-nos a pag. 18 uns versos em que *avô* rima com *sou*, do que se infere que na região da Beira, em que elles se cantam, o ditongo *ou* se condensa em ô; offerece mais: *home* em rima com *come* (20), e os seguintes vocabulos: *arcipreste* e *acipreste* (23 e 142), *musga?* (81), *graúma* (88), *alvoredo* (140), *indas que* (158), *videira cerceal* (172), *antes que* = ainda que (175), *pantufos* (181: aqui que significa?), *indas* = ainda, *Esgueirôa* = mulher de Esgueira.

6 — O povo realça os seus pensamentos com a addição de frequentes e variadas comparações, com a intercalação de adagios frisantes, com hyperboles, com antitheses, e ainda com diversos artificios rhetoricos. Por brevidade não cito senão muito poucos exemplos. As comparações são a maior parte das vezes tiradas da Natureza:

> Não ha sol como o de maio,
> Luar como o de janeiro;
> Nem cravo como o regado,
> Nem amor como o primeiro. (Pag. 97);

À maçã do acipreste
É doce e tem casca amarga:
É como o amor dos homens,
Tanto péga, como larga. (Pag. 140);

mas podem ser tiradas de outros factos: « a honra é como o vidro » (70). Umas vezes comparam-se cousas em si mesmas, como nos exs. citados; outras vezes comparam-se actos e circunstancias:

José me ensinou a amar,
Que eu nada d'isso sabia:
Para agora me deixar
Como a noite deixa o dia. (pag. 9)

Eis agora alguns dos adagios: « Pela boca morre o peixe » (100), « Por bem fazer, mal haver » (172); o seguinte adagio « Tanto dá a agua na pedra, que a faz embrandecer » (168) é apenas modificação, pedida pelo metro, d'este: « agua molle em pedra dura, tanto dá até que a fura »; a mesma ideia se acha nos versos « As pedras tambem abrandam, e ellas bem duras são! » (78).

Entre as hyperboles noto: « Inda que eu viva mais annos do que folhas tem o vime » (100). Ha na nossa lingua, como noutras, certas phrases que exprimem *o impossivel*, e que servem para frisar melhor o que se quer dizer; este livro tem por exemplo estas: Quando o sol deixar de dar na ponta do alto freixo » (41); « Quando o salgueiro der baga, e o amieiro der cortiça » (44) [1]. A esta

(1) Variante que colhi no Norte do país:

Quando o sobreiro der baga
E o loureiro der cortiça...

classe pertencem modismos como: « para a semana dos nove dias », « quando as galinhas tiverem dentes », « para as calendas gregas », « no dia de S. Nunca á tarde », « no dia de S. Cerejo ». Li uma vez num livro ou revista estrangeira um artigo sobre isto, mas não tenho agora presente nem o lugar, nem o titulo.

As antitheses é que são muito numerosas na poesia popular. Ha tambem escriptores que abusam d'ellas, como Victor Hugo. No presente livro leem-se muitas. Vide pag. 3, 27, 84, 88, 147, etc. Dos recursos rhetoricos fallarei já. Todos estes meios, as comparações, os adagios, as hyperboles, as antitheses, e os artificios de estylo, se têm, como disse, por fim realçar os pensamentos, exteriorizando-os, e fixando-os melhor, tambem em parte dependem da falta de ideias e da pobreza de vocabularios nas epochas de decadencia litteraria, como na dos gongoricos no seculo XVII, e na dos nephelibatas no seculo XIX, tem-se abusado igualmente de muitos de taes meios.

Passarei a occupar-me, muito de corrida, dos artificios rhetoricos. Em primeiro lugar temos as antimetaboles: « Não faças caso de mim, que eu de ti caso não faço » (70), « Tenho corrido mil terras, mil terras tenho corrido » (80). Depois temos as repetições: « Quem falla de mim, quem falla? « Quem falla de mim, quem é? » (105); « O que dirá, que dirá? Mas que ha-de ella dizer? » (164). Com repetições de versos formam-se estrophes

que não adiantam nada ás antecedentes, como a 2.ª d'estas:

> Laranja da China,
> O sabor que tem!
> Gósto de dançar
> Com quem dança bem.
>
> Com quem dança bem,
> Oh meu bem, meu bem...
> Laranja da China,
> O sabor que tem.

Aqui porém, como noutros casos, não devemos accusar de inanidade a musa popular; taes repetições são exigidas pelas necessidades do canto. Ao lado das repetições apparecem-nos os trocadilhos: por exemplo de *pennas* com *penas* a pag. 5. O povo emprega tambem allitterações, como: « Meninas, vamos ao *vira*, que lá vem a *viração* » (250); « Divino *imparador, imparai* a minha alma » :[1]. Por influencia da rima, criam-se muitas vezes palavras novas: como *parentada* (93), *carqueijar* (95), *farrapeirella* (19). Alem das neumas, como *lari-li-ló-lela*, empregam-se palavras meramente phonicas, sem sentido, apenas para satisfazerem o rhythmo,

> Tum-tum, arraial,
> Tum-tum, caracol,
> Tum-tum, pintasilgo,
> Tum-tum, rouxinol (Pag. 79)

onde *arraial*, *caracol*, *pintasilgo* e *rouxinol* nada

(1) No livro do Sr. Fernandes Thomaz lê-se *imperador* e *emparai*; mas a pronúncia popular é a que indico acima.

significam a par com a neuma *tum-tum*. Póde aqui citar-se juntamente o facto de se constituir uma serie de quadras com rimas symetricas em que as vogaes variam:

Quem tem farinha, tem pó.... minha avó;
Quem tem farinha, tem pão... meu irmão;

Quem tem farinha, tem tem.... minha mãe;
Quem tem farinha, tem tudo.. (Pag. 53–54);

Gente de toda a nação....
Gente de toda a comarca..

o que é especialmente vulgar com nomes de terras:

O vira é coisa boa.... Lisboa;
O vira é coisa linda... Coimbra;
O vira é uma rosa.... Pampilhosa; (Pag. 250)

Lá em Coimbra...... tão linda;
Lá em Cascaes... ... dava ais;
Lá em Lisboa........ tão boa (Pag. 12–13).

7 — De um lado o facto de as cantigas passarem de terra para terra, e de epocha para epocha, o que as modifica, e do outro os magros recursos intellectuaes e lexicologicos do povo, fazem que não só uma cantiga revista differentes fórmas, mas que a mesma fôrma se adapte a differentes cantigas. Temos de considerar quatro casos:

1.º — Cantigas do mesmo thema, que são variantes totaes de outras:

a) Ó rio, que vaes correndo
De penedo em penedo...
Rio, leva-me uma carta
Ao meu amor em segredo. [1]

---

[1] *Canções populares da Beira*, pag. 110.

a) Rio que vaes para baixo,
Diz-me se levas areia. .
Leva-me esta carta, rio,
Ao meu amor que a leia. (1)

a) Oh minha pombinha branca,
Quando é que ha-de ser a hora
Que tu has-de dar um salto
D'esse pombal para fóra? (2)

b) Oh minha pombinha branca,
Oh minha branca pombinha,
Quando é que has-de dar um vôo
Da tua varanda á minha? (3)

b) A maçã do acipreste
É dura, não amollece:
É como o amor dos homens...
Triste de quem o conhece! (4)

c) A maçã do acipreste
É doce e tem casca amarga;
É como o amor dos homens,
Tanto péga, como larga. (5)

Outros exemplos são ministrados pelas poesias intituladas *A dhalia* (11 sgg.) e *Amelia* (195 sgg.).

2.º — *Cantigas que offerecem apenas em commum alguns versos parciaes, mas que differem entre si nos themas:*

a) Pus-me a chorar saudades
Ao pé da agua corrente:
A agua me respondeu:
O amor não dura sempre. (6)

---

(1) *Tradições populares de Portugal*, pag. 84.
(2) *Canções populares da Beira*, pag. 113.
(3) Cantiga que tenho ouvido em differentes partes.
(4) *Canções populares da Beira*, pag. 93.
(5) *Ibidem*, pag. 140.
(6) *Ibidem*, pag. 148.

a) Pus-me a chorar saudades
Ao pé da agua que corre:
A agua me respondeu:
Quem tem amores não dorme. (1)

b) O sette-estrello cahiu
Numa folha de giesta:
Cada vez te quero mais...
Olha que cegueira esta! (2)

b) O sette-estrello cahiu
Numa pedra ficou côxo:
O lirio com saudade
Logo se vestiu de roxo. (3)

c) Oh alecrim, rei das hervas,
Oh oiro, rei dos metaes:
Vossos olhos, rei das luzes,
A quem eu venero mais. (4)

c) Oh alecrim, rei das hervas,
Oh oiro, rei dos metaes:
Quem dá fallas a brejeiros
O que recebe são ais! (5)

3.º — Cantigas que, não tendo o mesmo thema, nem versos iguaes, tem comtudo estructura grammatical muito semelhante:

a) Tu és cravo, eu sou rosa,
Qual de nós se estima mais?
Eu, cravo, pelas esquinas,
Tu, rosa, pelos quintaes. (6)

---

(1) Cantiga muito vulgar.

(2) *Canções populares da Beira*, pag. 4.

(3) *Tradições populares de Portugal*, pag. 27.

(4) *Canções populares da Beira*, pag. 44. — A pag. 71 falla-se do *junquilho, rei das flores*. Aqui a palavra *rei* significa *primeiro* (princeps).

(5) *Tradições populares de Portugal*, pag. 117.

(6) *Canções populares da Beira*, pag. 30.

a) Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como sol a buscar-te,
Tu, como sombra a fugir-me... [1]

4.º — Cantigas, cujos versos são no todo quasi os mesmos, mas applicados a themas differentes:

a) Manuel, por ver as moças,
Fez uma fonte de prata:
As moças não vão á fonte,
Manuel todo se mata. [2]

a) S. João, por ver as moças,
Fez uma fonte de prata:
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata. [3]

As cantigas locaes e religiosas apresentam muitos exemplos d'esta especie: uma mesma cantiga é applicada a differentes terras e santos. O povo serve-se até do material antigo para o applicar ás ideias modernas; a seguinte quadra da pag. 250:

Meninas, vamos ao vira,
Que lá vem a viração:
Que lá vem os marujinhos
A cheirar ao alcatrão...

---

(1) *Poesia amorosa do povo português*, pag. 130.
(2) *Canções populares da Beira*, pag. 143.
(3) Cantiga muito vulgar.

Tem esta variante na mesma pagina:

> Meninas, vamos ao vira,
> Que lá vem a viração:
> Lá vem o comboio novo
> A chegar á estação...

onde entra a moderna ideia de *comboio*, que, como é sabido, ha pouco tempo existe. Outra cantiga, de pag. 3.

> *Caminhos de ferro* já correm
> De Lisboa a Santarem:
> Lá dizem os dos caminhos:
> Lindos olhos tem meu bem...

foi evidentemente elaborada ha pouco; todavia lá entra o verso «Lindos olhos tem meu bem», que se acha por exemplo nesta que ouvi a uma mulher de Fozcôa:

> Lindos olhos tem meu bem
> Com sanefas (sobrancelhas) de velludo:
> Inda espero de lograr
> Olhos, sanefas e tudo...

A cantiga de pag. 32:

> O ladrão do *machinista*
> Por onde leva o vapor!
> Leva-o por fóra das *calhas*,
> Lá me mata o meu amor...

é do mesmo modo contemporanea, mas como o tom de outras tradicionaes; uma, que me lembra agora, começa:

> O ladrão do negro melro
> Onde foi fazer o ninho...

Estas cantigas em que se allude á ideia moderna dos caminhos de ferro mostram que a musa popular está em constante elaboração.

8 — Seguia-se fallar da metrificação (versos, estrophes, rimas), mas d'este assumpto já me occupei um tanto na *Poesia amorosa do povo português*, pag. 14 seg., e não desejo aqui repetir o que lá disse.

Lembrarei unicamente que no presente livro, além do verso de redondilha maior, que é predominante, se encontram algumas poesias e estrophes em versos de cinco syllabas (« Eu vi a dhalia ») e de seis (« Ora vira ao Norte »).

As estrophes constituem em geral quadras, como costuma acontecer na poesia popular; muitas vezes, pela repetição de versos, ou intercalação de estribilhos formam-se das quadras outras especies de estrophes, como se vê a pag. 69:

> Oh quem me dera saber,
> Luisinha bonitinha,
> O preço que o roxo tem;
> Para me vestir assim,
> Luisinha bonitinha,
> Com sentimento de alguem.

Vid. outros exemplos a pag. 95 e 162. A apparente oitava de pag. 7 resolve-se propriamente em duas quadras. A pag. 121 temos uma quintilha, que, com a repetição de alguns dos versos, se torna oitava. A pag. 164 temos uma oitava com versos de redondilha menor, em que o verso 5.º é repetição do 4.º

Varios versos são irregulares, como a pag. 21:

> Ai! ai! minha machadinha,
> Quem te offendeu, sabendo que és minha?

e outros a pag. 65, 83, 95, 113; algumas d'estas irregularidades devem explicar-se pela fusão de versos pequenos, como succede com os versos de pag. 65:

> A panella ao lume, e o arroz s'tá cru!
> Dizem mal de mim, deixa-lo dizer!

que se decompoem em versos de redondilha menor:

> A panella ao lume,
> E o arroz está cru!
>
> Dizem mal de mim,
> Deixa-lo dizer!;

e como tambem succede com os ha pouco citados, que se decompoem assim:

> Ai! ai!
> Minha machadinha,
> Quem te offendeu,
> Sabendo que és minha?

sendo *Ai! ai!* como que estribilho, e havendo no segundo verso um hiato; outras irregularidades poderão explicar-se pelas exigencias do canto. Os versos de pag. 55, de arte maior,

> Era um anjo, meu Deus, era um anjo,
> Era um anjo, meu Deus, que eu amei...

constituem, quanto a mim, um estribilho de origem litteraria intercalado numa poesia de origem popular.

Grande parte das cantigas foi colhida na cidade de Coimbra, onde está a Universidade, e onde é íntimo o contacto entre os estudantes e o povo: d'aqui o emprêgo de versos como aquelles, e o apuro de certas expressões que não se encontram vulgarmente nas poesias populares, como «os teus olhos crystalinos» a pag. 66. A influencia dos estudantes de Coimbra prova-se directamente:

> Estudantes de Coimbra
> Moram por baixo da ponte:
> Por causa das raparigas
> Muito çapato se rompe. (1)
>
> Inda agora aqui passou
> Antoninho p'ró estudo:
> Cara de neve coalhada,
> Olhos de limão maduro... (2)

Muitas das cantigas locaes têm tambem por thema a cidade de Coimbra: vid. pag. 231 ssg.

A cantiga de pag. 32,

> Ai! amor, ai! amor, ai! amor,
> Ai! amor do meu coração,
> *Qui tollis, qui tollis, qui tollis,*
> Dá-me um beijo, *miserere nobis*...

parece semi-litteraria, por haver lá palavras la-

---

(1) *Canções populares da Beira,* pag. 231.
(2) *Ibidem,* pag. 163.

tinas, e o povo não saber latim, como se diz a pag. 63:

Amor, não me escrevas
Cartas em latim;
Que eu não as sei ler,
Dás cabo de mim...

todavia o latim d'aquella quadra é ecclesiastico, e o povo está costumado a elle. — A poesia de pag. 129, *Lyrio roxo*, tenho-a toda como litteraria, apesar de o Sr. Fernandes Thomaz me affirmar que a ouviu ao povo; decerto a ouviu, mas isso não basta para se poder dizer que ella é popular; já tambem tenho ouvido cantar ao povo versos de Soares de Passos, de Palmeirim e de outros poetas. A poesia de que se trata lembra na fórma as odes anacreonticas e as cançonetas. Eis para amostra uma quadra d'ella e outra de uma poesia de Bocage:

Oh goivo tristonho,
Das campas ornato,
Do meu coração
Tu és o retrato. (1)

Insecto mimoso,
Aos olhos tão grato,
Da minha tyranna
Tu és o retrato. (2)

Sem duvida os poetas muitas vezes inspiram-se no tom da poesia popular, e outras vezes os poetas e o povo tem independentemente uns dos outros a

---

(1) *Canções populares da Beira*, pag. 130.
(2) *Poesias* de Bocage, ed. de Innocencio, II, 115.

mesma inspiração [1], mas não creio que se dê aqui

---

(1) Nas *Canções populares da Beira* ha uma poesia intitulada « Vira ao Norte », em que se lê a pag. 8:

Vira, vira,
Torna-te a virar...

Em Garrett, *Folhas cahidas*, 4.ª ed., pag. 139, lê-se tambem:

Quem é esta que mais voltas
Gyra, gyra, sem cessar?

Numa a repetição *vira-vira* e noutra a repetição *gyra-gyra* dão mais sensivelmente ideia da dança; e comtudo a semelhança é casual.

Nas *Canções populares da Beira*, pag. 47 apparece-nos uma quadra assim:

Adeus campos, adeus valles,
Adeus, amor que eu amei:
Inda agora adoro o sitio
Onde contigo fallei.

Garrett exprimiu o mesmo pensamento nas suas admiraveis poesias « Estes sitios » e « Cascaes », que vem nas *Folhas cahidas*.

Numa poesia popular que ouvi no Norte diz-se:

Lá vem a lua sahindo
C'uma lanceta na mão...

onde o crescente é comparado com uma lanceta aberta; na *Morte de D. João*, 2.ª ed., pag. 257, de G. Junqueiro diz-se:

O crescente da lua.........................
Brilhava como a folha enorme de um cutello.

Em nenhum d'estes casos ha plagio ou imitação: ha coincidencia; nem é de admirar que individuos do mesmo país, que fallam a mesma lingua, e bebem na mesma fonte de inspiração, tenham pensamentos communs, expressos por fórmas analogas.

nenhum dos casos: houve pois influencia litteraria, como a feição geral da linguagem o faz admitir.

9 — O estudo da nossa poesia popular provoca ainda muitas mais discussões do que as que acima apresentei; mas eu não podia tratar de todos os pontos neste artigo — que não passa de breve introducção a uma collecção de cantigas locaes —; além d'isso procurei cingir-me sempre o mais possivel, nas minhas rapidas observações, aos textos poeticos que aqui tinha de analysar. No emtanto vou indicar alguns trabalhos em que se trata grande número de assumptos geraes de poesia popular:

La pcesia popolar in Italia, por A. d'Ancona, Livorno, 1878;

Sjtudj di poesia popolar, por G. Pitré, Palermo, 1872;

Canti popolari del Piemonte, por C. Nigra, Torim, 1888;

De l'étude de la poésie populaire en France, por G. Paris (in *Mélusine*, I, I sgg.);

Les origines de la poésie lyrique en France au moyen âge, études de littérature française comparée, por A. Jeanroy, Paris, 1889;

Poesia popular, por Demófilo, Sevilha 1833 (reproduzido in vol. v dos *Cantos pop. españoles*, de F. R. Marim, Sevilha, 1883);

Estudios de literatura popular, por A. Machado y Alvarez (in vol. v da *Biblioteca de las tradic. pop. españolas*, Madrid, 1884);

Analogia entre los cantares alpinos y los andaluces, por H. Schuchardt (in *El Folk-Lore andaluz*, Sevilha, 1882-1883);

Volkslitteratur, por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, capitulo da *Hist. da litterat. portuguesa*, inserida in *Grundriss der romanischen Philologie* (pag. 145 seg.), Estrasburgo, 1894.

Ainda assim, do que acima escrevi vê-se que o trabalho do Sr. Pedro Fernandes Thomaz, encan-

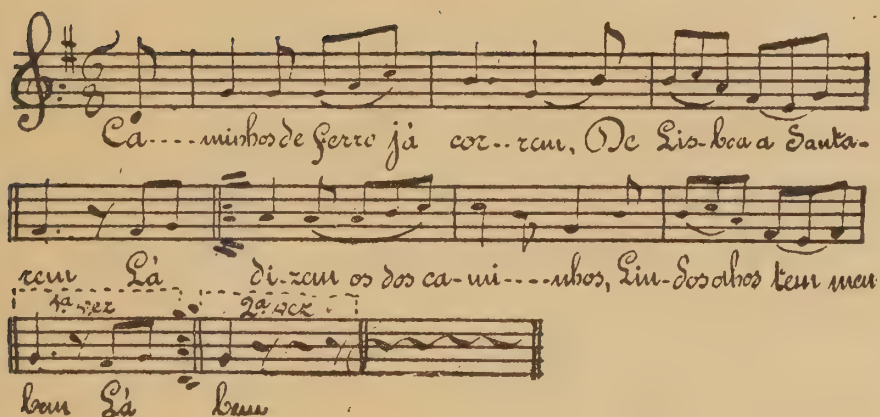
rado pelo lado scientifico, está cheio de elementos de estudo, e encarado pelo lado litterario contém bellos trechos de genuina poesia popular portuguesa, que todos lerão com prazer, tanto mais que a nitidez typographica da obra contribue para o agrado da leitura; a estes meritos junte-se o de vir a maior parte das canções acompanhada da respectiva musica local: e ter-se-ha a prova de quão importante foi o serviço prestado ás lettras, á arte e á ethnographia portuguesas pelo Sr. Pedro Fernandes Thomaz, que, para o levar a effeito com o gôsto, intelligencia e desvelo que no presente livro se patenteiam, não se poupou nem a fadigas, nem a sacrificios.

Eu sei que elle, aproveitando algumas das horas que o seu cargo de professor da Escola Industrial da Figueira da Foz lhe deixa vagas, tenciona proseguir nestas tarefas, e não dormir, como muitos, sobre os louros colhidos: nisso está pois novo motivo de applauso.

Lisboa, 5 de Outubro de 1896.

J. Leite de Vasconcellos.

CAMINHOS DE FERRO

(CHOREOGRAPHICA)

De que servem as esquinas
Inclinadas ao luar,
Se ellas não hão-de encobrir
Dois amantes a fallar?

Caminhos de ferro já correm
De Lisboa a Santarem;
Lá dizem os dos caminhos:
— Lindos olhos tem meu bem.

Por mais que o loureiro cresça,
Ao ceu não ha-de chegar:

Por mais amores que eu tenha,
A ti não te hei-de deixar.

Caminhos de ferro já correm, etc.

O meu coração voando,
Dentro do teu foi cahir;
No meio partiu as asas,
De lá não póde sahir.

Caminhos de ferro já correm, etc.

Debaixo do verde cedro
Agua clara vi correr:
Neste mundo tudo esquece,
Só de ti não póde ser!

Caminhos de ferro já correm, etc.

O sete-estrelo cahiu
Numa folha de giesta:
Cada vez te quero mais...
Olha que cegueira esta!

Caminhos de ferro já correm, etc.

O meu coração por arte
Entrou no teu pensamento:
É como o crime de faca,
Que nunca tem livramento.

Caminhos de ferro já correm, etc.

Algum dia, em te vendo,
Morria por te fallar:
Agora nem posso ver-te,
Nem ouvir-te nomear.

Caminhos de ferro já correm, etc.

A alegria dos meus olhos,
Oh meu Deus, quem m'a levou?
D'antes era tão alegre,
Agora tão triste sou!

Caminhos de ferro já correm, etc.

O alecrim de Castella
Tem a folha recortada:
Quem souber dos meus amores,
Cale-se, não diga nada.

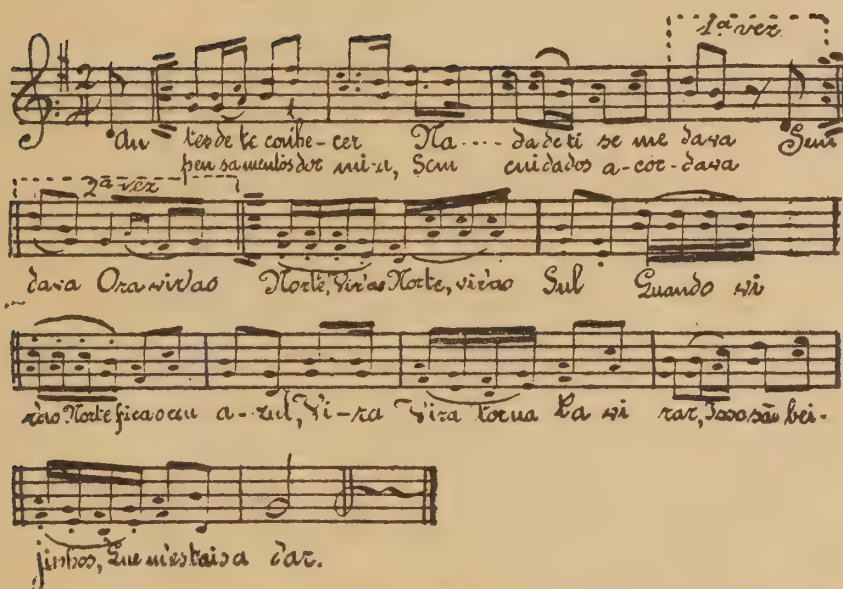
Caminhos de ferro já correm, etc.

Tira-te d'essa janella,
Minha folhinha d'alface:
Já d'aqui me estás par'cendo
Raios de sol quando nasce.

Caminhos de ferro já correm, etc.

O meu amor deu-me penas,
Agora posso voar;
Quanto mais penas me der,
Mais eu gosto de o amar.

Caminhos de ferro já correm, etc.

Denegrida violeta,
Quem me dera a tua côr,
Para com ella poder
Escrever ao meu amor!

Caminhos de ferro já correm, etc.

Já me estorvam que te falle,
Mais não me podem fazer:
Estorvar-me que te eu ame,
Só Deus tem esse poder.

Caminhos de ferro já correm
De Lisboa a Santarem;
Lá dizem os dos caminhos:
— Lindos olhos tem meu bem.

VIRA AO NORTE

(CHOREOGRAPHICA)

Raparigas cantae todas,
Que inda aqui não ha tristeza:
Inda aqui não ha quem tenha
Sua liberdade presa.

Ora vira ao norte,
Vira ao norte, vira ao sul...
Quando vira ao norte,
Fica o ceu azul.

Vira, vira,
Torna-te a virar,
Isso são beijinhos,
Que me estais a dar!

Oh adro, quem te minara
Lá por debaixo do chão:
Oh amor, quem te lograra,
Sem haver murmuração.

Ora vira ao norte, etc.

Semeei, não apanhei,
Herva cidreira na areia;
Quem semeia, não apanha,
Que fará quem não semeia?

Ora vira ao norte, etc.

Eu perdi o meu lencinho,
No terreiro a dançar;
Minha mãe não me dá outro,
Em cabello hei-de andar.

Ora vira ao norte, etc.

Quando te encontro na rua,
Baixo os olhos num momento:
Olho pr'á terra que pisas,
E com isso me contento.

Ora vira ao norte, etc.

Apalpei meu lado esquerdo,
Não achei meu coração;
Chegou-me a feliz notícia
Que estava na tua mão.

Ora vira ao norte, etc.

Se me encontrares cadaver
Á porta d'uma ermida,
Nem sequer c'o pé me toques,
Que posso voltar á vida...

Ora vira ao norte, etc.

José me ensinou a amar,
Que eu nada d'isso sabia;
Para agora me deixar,
Como a noite deixa o dia.

Ora vira ao norte, etc.

Á tua porta, briosa,
Faço gôsto em morar;
Quero ver esse teu brio,
Briosa, adonde irá dar.

Ora vira ao norte, etc.

A folhinha do salgueiro
De amarello encarnou;
Estavas p'ra mim tão firme,
Oh amor, quem te virou?

Ora vira ao norte, etc.

Hei-de comprar um veu preto
Para cobrir o meu rosto,
Para que nenhum vadio,
Nos meus olhos faça gôsto.

Ora vira ao norte
Vira ao norte, vira ao sul...
Quando vira ao norte,
Fica o ceu azul.

Vira, Vira,
Torna-te a virar,
Isso são beijinhos,
Que me estais a dar!

A DHALIA

(CHOREOGRAPHICA)

Eu vi a dhalia
No seu jardim; } *bis*
Tão pequenina,
Dizia assim. } *bis*

Tocam-se as caixas,
Sôa o clarim, } *bis*

Sim, sim, senhores, } *bis*
Dizia assim.

Sim, sim, querida, } *bis*
Que mal te fiz?
Tu já não amas, } *bis*
Um infeliz.

Eu vi a dhalia } *bis*
No arvoredo,
Tão pequenina, } *bis*
Mettia medo.

Tocam-se as caixas, etc.

Sim, sim, querida, etc.

Eu vi a dhalia } *bis*
No campo só,
Tão pequenina, } *bis*
Mettia dó.

Tocam-se as caixas, etc.

Sim, sim, querida, etc.

Eu vi a dhalia } *bis*
Lá em Coimbra,
Tão pequenina, } *bis*
Era tão linda.

Tocam-se as caixas, etc.

Sim, sim querida, etc.

Eu vi a dhalia } *bis*
Lá em Cascaes, }
Tão pequenina, } *bis*
Já dava ais. }

Tocam-se as caixas, etc.

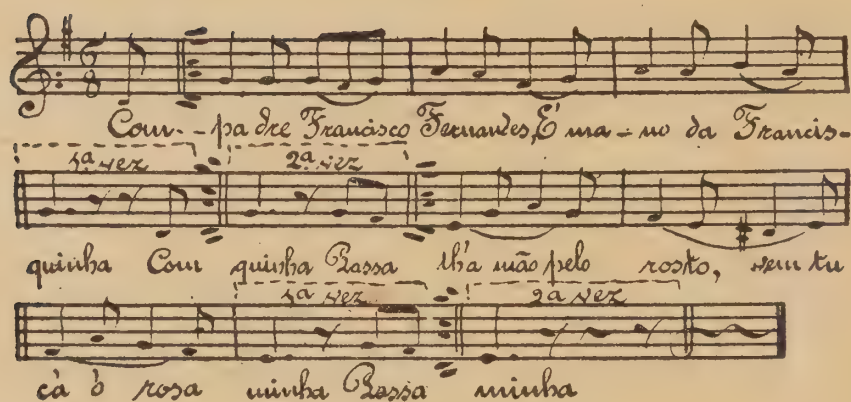
Sim, sim, querida, etc.

Eu vi a dhalia } *bis*
Lá em Lisboa, }
Tão pequenina } *bis*
Era tão boa. }

Tocam-se as caixas, } *bis*
Sôa o clarim }
Sim, sim, senhores, } *bis*
Dizia assim. }

Sim, sim, querida, } *bis*
Que mal te fiz? }
Tu já não amas } *bis*
Um infeliz. }

COMPADRE FRANCISCO FERNANDES

(CHOREOGRAPHICA)

Quem me dera uma lima!
Q'ria limar a garganta,
Para cantar como a rola....
Como a rola ninguem canta.

Compadre Francisco Fernandes
É mano da Francisquinha;
Passa-lhe a mão pelo rosto:
—Vem tu cá, oh rosa minha.

Chamaste-me «amor perfeito»,
Coisa que a terra não cria:

Amor perfeito é Deus,
Filho de Virgem Maria.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Já lá vai abril e maio
Já lá vão esses dois mezes,
Já lá vai a liberdade
Com que te eu fallava ás vezes.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Mangericão da janella,
Já te pódes ir seccando:
Já morreu quem te regava...
Eu já me vou enfadando.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Rua direita é lima,
A calçada é limão,
A travéssa falsidade,
O adro mangericão.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

O meu amor é tão tolo,
Tão cheio de opinião...
Julga que morro por elle...
Namoro por mangação!

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Eu hei-de amar o valverde,
Em quanto tiver verdura;
Hei-de amar a quem quiser,
Inda não fiz escriptura.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Hei-de cantar e dançar,
Em quanto solteira fôr,
Que as falladeiras da rua
Não teem nada que me pôr.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

O beijo que tu me deste
Sem a tua mãe saber,
Toma-o lá, já não o quero,
Que já lh'o foram dizer.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Os olhos do meu amor
Dão confeitos, não se vendem:
São laços com que me apertam,
Cadeias com que me prendem.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Eu hei-de amar o luar,
Deixar o escuro traidor:

Hei-de amar a quem quiser,
Não te devo nada, amor.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Eu hei-de-me ir assentar,
No circo que leva a lua,
Para ver o meu amor,
As voltas que dá na rua.

Compadre Francisco Fernandes, etc.

Foste dizer mal de mim
Ao ladrão do meu amor;
Passa por mim não me falla,
Tira o chapeu com rubor.

Compadre Francisco Fernandes
É mano da Francisquinha;
Passa-lhe a mão pelo rosto:
— Vem tu cá, oh rosa minha.

FARRAPEIRA

(CHOREOGRAPHICA)

Chamaste-me farrapeira,
Eu farrapeira não sou;
Tenho uma camisa nova
Que me deu o meu avô.

Oh minha farrapeirinha,
Oh minha farrapeirona:
Aperta-te apertadinha
Não andes á bambalhona.

Chamaste-me farrapeira,
Farrapeira, farrapão;
Farrapeira é você,
Mais a sua geração.

Chamaste-me farrapeira,
Eu nunca vendi farrapos;
Tenho uma camisa nova,
Toda cheia de buracos.

Chamaste-me farrapeira,
Eu nunca vendi fandengos;
Tenho uma camisa nova,
Toda cheia de remendos.

Oh minha farrapeirinha,
Oh minha farrapeirela:
A moda da farrapeira
É bonita, gosto d'ella.

Oh minha farrapeirinha
Vira ao norte, papagaio,
Se o meu amor é vadio,
Dái-lhe um tiro e matai-o.

Oh minha farrapeirinha
Vira ao norte, vira, vira,
Vamos á sardinha fresca
Vamos á praia de Mira.

Oh minha farrapeirinha,
Oh minha salta qu'atrepa,

Nos dias que te não vejo
Ando levado da breca.

Oh minha farrapeirinha
Como se chama o seu home?
— Chama-se batata assada,
Sem azeite não se come.

A farrapeira dansada,
E cantada com'ella é,
Faz saltar as velhas todas
Para o pé da chaminé.

A farrapeira dansada
E cantada é bem bonita:
P'ra dansar a farrapeira
Quer-se uma saia de chita.

Oh minha farrapeirinha,
Oh minha farrapeirona,
Trazes uma saia rôta
Quando apanhas azeitona.

Oh minha farrapeirinha,
Vira ao norte, vira ao sul;
Anda agora muito em moda,
Saia verde, fita azul.

A moda da farrapeira
É uma moda bem bonita:
Todas as modas acabam
Só a farrapeira fica.

A MACHADINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Oh meu manjerico verde,
Já meu peito foi teu vaso:
Já lá tens outros amores,
Já de mim não fazes caso!

Ai! ai! minha machadinha } *bis*
Quem te offendeu, sabendo qu'és minha } *bis*
Sabendo qu'és minha, sabendo que sou teu } *bis*
Minha machadinha, quem te offendeu } *bis*

Já lá vae pelo mar dentro
A folhinha da ortiga:

Já perdi o norte á terra,
E ò amor á rapariga.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

O jasmim tem quatro folhas,
Pelo meio tem enleios:
E pensão de quem namora
Dar á noite seus passeios.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Trago terra na algibeira,
Agua fechada na mão,
Para dispôr uma rosa
Nesse teu peito, João.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Tenho renda que me rende,
Já não quero trabalhar:
Tenho navios no porto
Com janellas para o mar.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Oh minha bella menina,
Oh bella, se ella quiser,
Hei-de pedi-la a seu pae
Para ser minha mulher.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Oh quem me dera saber
O preço que o rôxo tem!
Para me vestir assim
Com sentimento d'alguem.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Oh amor, vae e vem logo,
Volta depois por aqui,
Que eu abaixarei meus olhos,
Jurarei que te não vi.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Quem acode ao arcypreste
Que se parte em bocadinhos?
Quem acode aos namorados,
Que se matam com beijinhos?

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Tendes coração d'assucar,
N'agua fria se derrete:
Dae-me uma pedrinha d'elle
Para que o meu se não séque.

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Manjericão recortado,
Em volta do chafariz,
Não digas que me deixaste...
Fui eu a que te não quis!

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem:
Das pedras não quero nada,
Da rua quero alguem...

Ai! ai! minha machadinha, etc.

Toda a vida desejei
O meu amor Manuel;
Agora tenho-o na mão,
Cahiu-me a sopa no mel.

Ai! ai! minha machadinha } *bis*
Quem te offendeu, sabendo qu'és minha } *bis*
Sabendo qu'és minha, sabendo que sou teu } *bis*
Minha machadinha, quem te offendeu } *bis*

PAVÃO

(CHOREOCRAPHICA)

Toca-me nessa viola,
Que m'a faças retenir;
Tenho o meu amor ausente,
Vê se o fazes cá vir.

Oh pavão, lindo pavão } *bis*
Lindas penas o pavão tem } *bis*
Não ha olhos para amar } *bis*
Como são os do meu bem } *bis*

Como são os do meu bem } *bis*
E como os da minha amada } *bis*
Oh pavão, lindo pavão, } *bis*
Pavão de penna dobrada } *bis*

Casadinha de ha tres dias,
Ella lá vai a chorar
Pela vida de solteira,
Que não a torna a lograr.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Deita-te d'ahi abaixo,
Meu sol, minha luz, meu bem,
Que eu te apanharei nos braços...
Ai Jesus! que elle lá vem!

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Triste sou, triste me vejo,
Sem a tua companhia;
Triste sou, quando me lembro
Que alegre fui algum dia.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Oh ares da minha terra
Vinde por aqui, levai-me;
Que os ares da terra alheia
Não fazem senão matar-me.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Ninguem descubra o seu peito,
Por maior que seja a dor:
Quem o seu peito descobre
A si mesmo é traidor.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Eu não posso neste mundo
Levar tal á paciencia:
O que é meu lográ-lo outro...
É caso de consciencia.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Oh sete estrello que andais
Lá no céu nessas alturas:
Dai-me novas do meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhumas.

Oh pavão, lindo pavão, etc.

Como são os do meu bem, etc.

Os cegos que nascem cegos,
A sua vida é cantar:
Eu que já vi e ceguei,
A minha vida é chorar.

Oh pavão, lindo pavão } *bis*
Lindas pennas o pavão tem
Não ha olhos para amar } *bis*
Como são os do meu bem.

Como são os do meu bem } *bis*
E como os da minha amada
Oh pavão, lindo pavão, } *bis*
Pavão de penna dobrada.

A SEMANA SANTA

(CHOREOGRAPHICA)

Altos silencios da noite
Minhas vozes vão rompendo,
Já que de dia não posso,
    Fallar a quem eu pretendo.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, } *bis*
Ai! amor do meu coração
Qui tollis, qui tollis, qui tollis } *bis*
Dá-me um beijo, miserere nobis
Miserere nobis.

O meu amor, coitadinho,
De repente adoeceu:
Faltaram-lhe os meus carinhos,
Não poude viver, morreu.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

Tu és cravo, eu sou rosa,
Qual de nós se estima mais?
Eu, cravo, pelas esquinas,
Tu, rosa, pelos quintais.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

Se eu te vira bem casado,
Esse gôsto era o meu:
Vejo-te mal empregado,
Choro o meu mal, sinto o teu.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

As longas noites de inverno
De enfadonhas são mortais:
Passá-las meu bem comtigo,
Ai Jesus, quem dera mais.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

No alto d'aquela serra
D'onde o penedo cahiu...
Ninguem diga o que não sabe,
Nem affirme o que não viu.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

O rouxinol, quando canta.
Demove a pena no bico:
Como não hei-de eu chorar,
Se tu te vais, e eu fico?

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

A folhinha do salgueiro
É a primeira novidade:
Quem madruga não alcança,
Que fará quem s'ergue tarde?

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

Oh minha pêra bojarda,
Pintadinha d'amarelo:
Não ateimes mais comigo,
Bem sabes que eu não quero.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

Minha terra, minha terra,
Manda-me de lá dizer

Se o lindo amor que eu tinha
Inda o tornarei a ver.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor, etc.

O ladrão do machinista
Por onde leva o vapor!
Leva-o por fóra das calhas,
Lá me mata o meu amor.

Ai! amor, ai! amor, ai! amor,
Ai! amor do meu coração } *bis*
Qui tollis, qui tollis, qui tollis
Dá-me um beijo, miserere nobis } *bis*
Miserere nobis

RI-CÓ-CÓ

(CANÇÃO)

Oh senhor José,
Já lhe tenho dito,
Quando lhe eu fallar,
    Ri-có-có
Que me calle o bico!

Oh sim, sim, ha mais quem queira } *bis*
Ri-có-có, menina brejeira.

Eu não sou brejeira,
Nem o posso ser,
Não tenho dinheiro
Ri-có-có
Para me manter!

Oh sim, sim, ha mais quem queira } *bis*
Ri-có-có, menina brejeira. }

VOU-ME EMBORA

(CHOREOGRAPHICA)

Estou rouca, estou rouquinha,
Não é de beber vinagre;
É de fallar ao amor,
Pequenina sem idade.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, } *bis*
Faz carinhos a quem te adora;
Meu bemsinho eu já cá'stou, } *bis*
Faz carinhos a quem te amou.

Meu amor, pega na penna,
Escreve, que eu vou dictando;
Escreve, que has de ser meu,
Não sei o dia nem quando.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

Tenho dois cravos a abrir
Dentro d'uma garrafinha,
Para levar de presente
Á quem diz que ha de ser minha.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

Annel d'oiro não é prenda,
Nem tambem annel de prata;
Annel de contas miúdas
É prenda d'amor que mata.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

Vae-te embora, meu amor,
Longe de mim vae morrer;
Cá me deixas nos meus olhos
Duas fontes a correr.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

Amor vario, amor louco,
Amor das hervas do campo;
Já me estava admirando
Do teu amor durar tanto.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

Tecedeira engraçada
Tem o tear e não tece;
Ou ella anda de amores,
Ou o tear lhe aborrece.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

A rosa fechada cheira,
Mais o cravo meio aberto;
Menina, se ha-de ser minha,
Eu quero sabê-lo ao certo.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

Todos os males se curam
Com remedios da botica;
Só as tristes saudades
Quem as tem com ellas fica.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

Oh que noite tão escura!
Oh que ceu tão estrellado!
Oh quem não tivesse amores,
Que dormia descançado;

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

Amada de Deus, amada,
Querida de Deus, querida;
Mais vale ser desejada
Do que ser aborrecida!

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

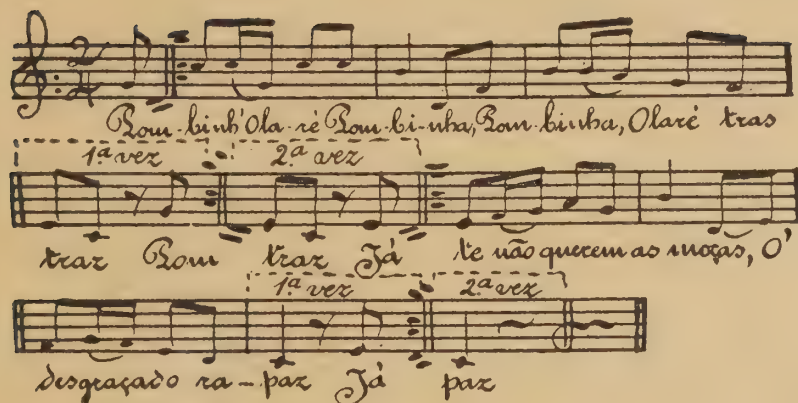
Se eu soubesse que morria,
Que não te tornava a ver,
Mandava vir da botica
Remedio p'ra não morrer.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, etc.

Se o meu amor fosse Antonio,
Mandava-o engarrafar
Numa redoma de vidro,
Para o sol não o crestar.

Meu bemsinho, eu vou-me embora, } *bis*
Faz carinhos a quem te adora; }
Meu bemsinho eu já cá'stou, } *bis*
Faz carinhos a quem te amou. }

POMBINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Quem me dera agora ver
Quem eu ha muito não vi;
Eu lhe dera o meu recado,
Não o mandava por ti.

Pombinha, olaré, pombinha, } *bis*
Pombinha, olaré, traz, traz;
Já te não querem as moças, } *bis*
Oh desgraçado rapaz.

Não ha coisa neste mundo
Como viver ao desdem:
Fazer agrados a todos,
Não querer bem a ninguem.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

Vae-te embora, vae-te embora,
Já tu te tiveras ido;
Se te foras ha um anno,
Já me tinhas esquecido.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

Tres cordas tem a guitarra,
Uma d'ouro, outra de prata;
A terceira, que é de cobre,
Todos lhe chamam ingrata.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

Os meus primeiros amores
Mandei-os ao rosmaninho;
Estes, que eu agora tenho,
Vão pelo mesmo caminho.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

C'uma penna de pavão
E o sangue da cotovia
Hei-de escrever uma carta
Ao meu amor d'algum dia.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

Viola, minha viola,
Tu comes commigo á mesa;
Tu é-la minha alegria
Quando eu sinto tristeza.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

Quando o sol deixar de dar
Na ponta do alto freixo,
Então saberás, menina,
A razão porque te eu deixo.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

Ó Antonio, ó Antoninho,
Retroz verde de coser;
Nós nascemos um p'ró outro,
Que lhe havemos de fazer?

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

A folha da oliveira,
Quando chega ao lume, estála;
Assim é o meu coração,
Quando comtigo não falla.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

Desgraçada foi a hora,
Que te fui fallar ao muro;
Palavrinhas em segredo,
Logo foste contar tudo.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

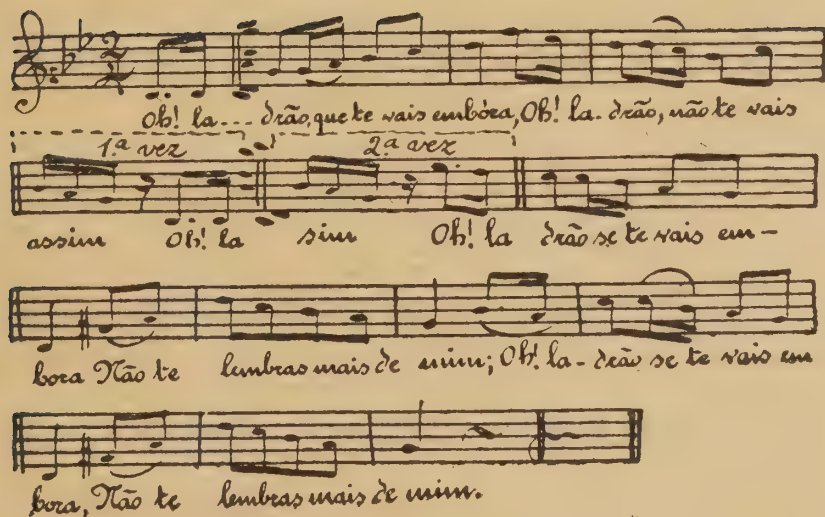
Pecegueiro abanado,
Da mão que nanja de vento;
Tende-la fama comigo,
Com outra passais o tempo.

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

Adeus, adeus, que me vou,
Adeus que me quero ir;
Da-me cá esses teus braços,
Que me quero despedir.

Pombinha, olaré, pombinha, } *bis*
Pombinha, olaré, traz, traz, }
Já te não querem as moças, } *bis*
Oh desgraçado rapaz. }

LADRÃO

(CHOREOGRAPHICA)

Debaixo da oliveira,
Rapazes é que é o amar;
Tem a folha miudinha,
Não entra lá o luar.

Oh ladrão, que te vais embora } *bis*
Oh ladrão, que te vais assim,
Oh ladrão se te vais embora } *bis*
Não te lembras mais de mim!

O meu amor é um cravo,
Só eu o sube escolher;
Para o craveiro dar outro,
Ha-de tornar a nascer.

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

Quando o salgueiro der baga,
E o amieiro der cortiça;
Então é que te hei-de amar,
Que agora tenho preguiça.

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

Oh alecrim, rei das hervas,
Oh oiro, rei dos metaes,
Vossos olhos reis das luzes
A quem eu venero mais.

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

Você diz que me não quer,
Diga-me a razão porquê;
Você diz que eu sou pobre,
Que riqueza tem você?

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

Adeus cypreste do valle,
Retiro dos passarinhos;
A quem destel-os abraços,
Dá-lhe agora os beijinhos.

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

Se eu tivesse, não pedia
Coisa nenhuma a ninguem:
Mas como não tenho, peço
Uma filha a quem as tem.

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

Eu amei dois olhos pretos,
Que me foram dois traidores;
Quem diz que o preto é firme
Entende pouco de amores.

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

Eu já fui o teu amor,
Agora ja o não sou;
Se ainda para ti olho,
Foi geito que me ficou.

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

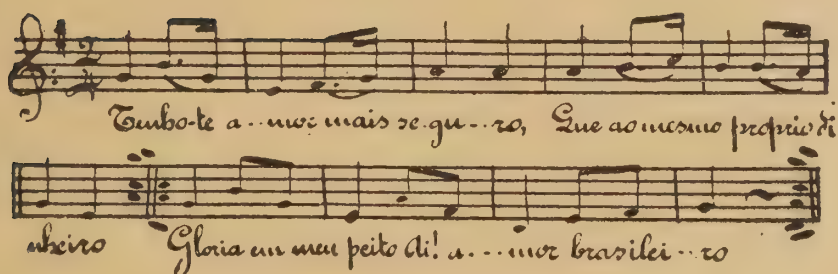
Tudo que é triste no mundo,
Gostava que fosse meu;
Para ver se tudo junto
Era mais triste do que eu.

Oh ladrão, que te vais embora, etc.

Eu passei o mar a nado,
Nas ondas do teu cabello;
Agora posso dizer,
Que passei o mar sem medo.

Oh ladrão, que te vais embora, } *bis*
Oh ladrão, que te vais assim, }
Oh ladrão, se te vais embora, } *bis*
Não te lembras mais de mim! }

AMOR BRASILEIRO

(CANÇÃO)

Inda sou quem era d'antes,
Inda sigo os mesmos passos;
Quando vou á tua rua,
As pedras pr'a mim são laços.

Tenho-te amor mais seguro, } *bis*
Que ao mesmo proprio dinheiro; }
Gloria em meu peito } *bis*
Ai! amor brasileiro. }

Oh meu amor, dá-te o somno,
Vae-te deitar a dormir;
Que eu não quero ver penar
A quem hei-de possuir!...

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Julgavas que eu te queria,
Brinquinho da cantareira;
Julgavas qu'eu era tôla,
Se eu pór ti tinha cegueira.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Escrevera-te uma carta,
C'o sangue das minhas veias,
Mas depois arrependi-me:
Meu sangue por mãos alheias!

Tenho-te amor mais seguro, etc.

O tempo que te eu amei,
Melhor 'stivera doente;
Tempo tão mal empregado,
Dado de tão boamente!

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Tudo o que é verde sécca
Lá no pino do verão;
Tudo torna a renovar,
Só a mocidade não.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Não choro por me deixares,
Que o jardim mais flôres tem:
Choro por não encontrares
Quem te queira tanto bem.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Oh que pucaro tão bello,
Que agua tam saborosa!
Quem na bebe é um cravo,
Quem no dá é uma rosa.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Hei-de-me deitar num poço,
Num poço a onde me afógue:
Já que o meu amor me enjeita,
Não quero que outro me lógre.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Meu coração 'stá fechado,
'Stá fechado não se abre:
Foi-se embora o dono d'elle,
Não 'stá cá, levou a chave.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

O meu amor foi-se, foi-se,
Foi-se para não voltar:
Deus lhe apare uma ribeira
Que elle não possa passar.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Nosso senhor 'stá doente,
Deitado no seu andôr,
Os anjos lhe 'stão cantando:
Bemdito seja o senhor!

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Móro detrás da igreja,
Não sinto senão cavar;
Uns morrem, outros enterram-se,
E eu sem me desenganar.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Já me morreu minha mãe,
Minha doce companhia;
Caixinha dos meus segredos,
Espelho onde me eu via.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

O meu amor é pedreiro,
Tem officio á nobreza:
Trabalha com colher d'ouro
Que de prata é baixeza.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Toma lá, que te dou eu,
Estas duas laranjinhas,
Já que não te posso dar
Dos meus olhos as meninas.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

'Stá o sol preso á lua,
A campainha ao sino:
O teu coração ao meu
Com cadeias d'oiro fino.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Manjericão da janella
Semeado ao arado:
Nem tu eras do meu gôsto,
Nem eu sou do teu agrado.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Altas torres tem teu peito,
Eu entrar quero lá dentro,
Que eu sou rendeiro d'amor
Quero fazer pagamento.

Tenho-te amor mais seguro, etc.

Passei pela oliveira,
Cinco folhas apanhei:
Cinco sentidos que eu tinha,
Todos em ti empreguei.

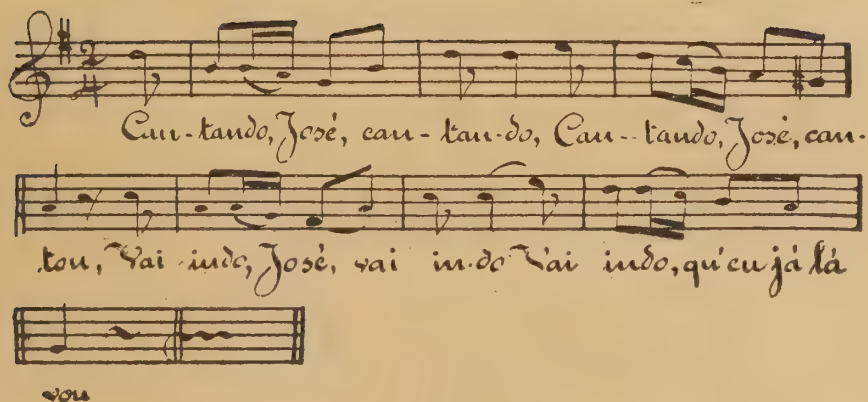
Tenho-te amor mais seguro, etc.

A pedra que está no rio
De leve não tem assento:
Menina que falla a todos
Tambem perde casamento.

Tenho-te amor mais seguro,
Que ao mesmo proprio dinheiro; } *bis*
Gloria em meu peito
Ai! amor brasileiro. } *bis*

As quadras são cantadas só com a primeira parte da musica.

CANTADO

(CHOREOGRAPHICA)

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem pó;
Não passes á minha porta,
Que me ralha a minha avó.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha tem pão;
Não passes á minha porta,
Que me ralha o meu irmão.

Cantando, José, cantando,
Quem tem farinha, tem, tem;
Não passes á minha porta,
Que me ralha a minha mãe.

Cantando, José cantando,
Quem tem farinha tem tudo;
Não passes á minha porta
Na occasião do entrudo.

Cantando, José, cantando,
Cantando, José, cantou;
Vai indo, José, vai indo,
Vai indo, José, lá vou.

ERA UM ANJO

(c.)

Não quero sáia de chita,
Que me hão-de chamar «senhora»;
Quero sáia de baêta,
Que é trajo de lavradora.

Era um anjo, meu Deus, era um anjo, } *bis*
Era um anjo, meu Deus, que eu amei;
Confesso que ainda o amo } *bis*
Nunca, nunca o esquecerei!

A silva que nasce em casa
Vai beber á cantareira:
Olha lá como se extrema
A casada da solteira!

Era um anjo, meu Deus, era um anjo, etc.

Tenho vinte e quatro damas
Como vinte e quatro flores:
Seis Marias, seis Antonias
Seis Annas, seis Leonôres.

Era um anjo, meu Deus, era um anjo, etc.

'Stou parado á tua porta,
Como o feixinho da lenha,
Espr'ando pela resposta
Que da tua mão me venha!

Era um anjo, meu Deus, era um anjo, etc.

Assentado á janella,
'Stá o amor a scismar;
Não scismes, amor, não scismes,
Que eu outro não hei-de amar!

Era um anjo, meu Deus, era um anjo, etc.

Annel d'azeviche preto,
Anda-me aos saltos no dedo;
Eu ando ameaçado
De quem tenho pouco medo!...

Era um anjo, meu Deus, era um anjo, etc.

Amorzinho, falla baixo,
Que as paredes tem ouvidos;
Os amores mais encobertos
Sempre são os mais sabidos!

Era um anjo, meu Deus, era um anjo, etc.

Por esta rua irei,
Por a outra darei volta;
Aqui mora o meu amor,
Mas eu não lhe sei a porta.

Era um anjo, meu Deus, era nm anjo, etc.

Toma lá esta laranja,
Cortada com'ó marmello;
Dentro d'ella has de achar
O bem e o mal que t'eu quero.

Era um anjo, meu Deus, era um anjo, etc.

Passarinho passa o rio,
Passa o rio e não bebe;
Tambem eu passava a noite,
Comtigo, cara de neve!

Era um anjo, meu Deus, era um anjo, etc.

Quem tiver de dar a rosa,
Dê-a logo em botão;
Que aberta logo desfolha,
Fechada sempre tem mão,

Era um anjo, meu Deus, era um anjo } *bis*
Era um anjo, meu Deus, que eu amei;
Confesso que ainda o amo } *bis*
Nunca, nunca o esquecerei!

MALHÃO

(CHOREOGRAPHICA)

É de noite, faz escuro,
Ladram os cães, tenho medo;
Bem podéras tu, menina,
Livrar-me d'este degredo.

La-ri-li-ló-léla
Bem te vi andar
Nas pedras do rio
A ensaboar!

De correr venho cansada,
De apanhar a bergamota;
De cansada me assentei
Defronte da tua porta.

La-ri-li-ló-léla,
Toca a campainha;
O meu amorzinho
Vem cá á noitinha.

Oh que pinheiro tão alto,
Oh que pinhas tão córadas!
Assim são as raparigas,
Emquanto não são casadas.

La-ri-li-ló-léla,
Ai la-ri ló-ló,
Vá de vagarinho
Que levanta o pó.

Chamas-te-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira;
Tu me verás no domingo,
Como a rosa na roseira!

La-ri-li-ló-léla,
Oh amor, amor,
Das penas que eu tenho
Tu és causador.

Graças a deus que já chove,
Pinguinhas no meu jardim;
Graças a Deus que já tenho
Meu amor ao pé de mim!

La-ri-li-ló-léla,
Adeus, que me vou;
Pára a minha terra
Que eu d'esta não sou.

Minha rosa encarnada,
Disposta ao pé do tanque;
Passa-lhe agua pelo meio,
Cada vez 'stá mais galante!

Oh amor, amor,
Tenho-te entendido,
Toda a tua vida,
Falso me tens sido.

Tendes oiro no pescoço,
Prata fina na garganta;
Quer's que te falle, menina,
Ás horas que o gallo canta?

La-ri-li-ló-léla,
Quem te disse a ti
Que havias de ter
Mau pago de mim?

A viola quer que eu morra,
As cordas que eu endoideça:
Tambem aquella menina
Quer que eu por ella padeça.

La-ri-li-ló-léla,
Vem cá meu amor;
Quem promette e falta
É enganador.

Namorei uma menina
Com tenção de a deixàr:
Ella deixou-me primeiro,
Foi muito adivinhar!

La-ri-li-ló-léla,
O que eu disse, digo;
Que Deus me não mate
Sem viver comtigo.

Oh olhos de amante firme,
Cadeiinhas de prisão;
Oh faces enganadôras,
Enganaes meu coração!

Indas que eu não possa,
Eu hei-de ir, amor;
Só para te ver,
Minha linda flôr.

Atrevida borboleta
Assobiu á luz tyranna,
De repente cahiu morta...
Assim succede a quem ama.

Amor não me escrevas
Cartas em latim;
Qu'eu não as sei ler,
Dás cabo de mim.

Por esta rua corre agua,
Por aquella corre vinho,
Pela outra corre sangue
Do meu amor, coitadinho.

O meu bem não era,
Tem-se agora feito;
'Stá um figurão
Que mette respeito.

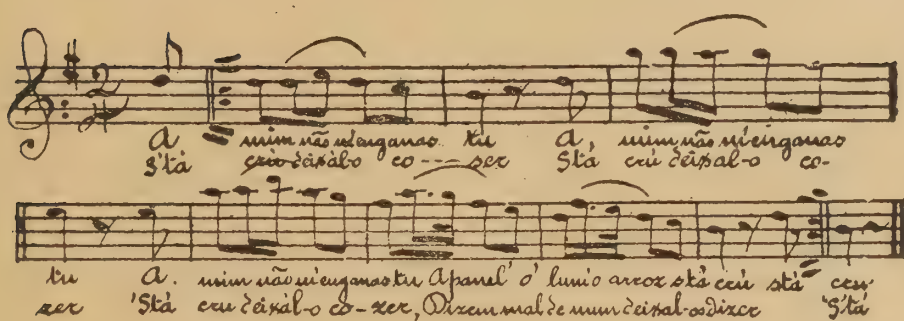
Janellas sobre janellas,
Postigos rentes ao chão:
Carinhos quantos quiseres,
Mas casar comtigo, não.

Deixa-te estar, rosa,
Em botão fechada;
Que has-de ser colhida,
Lá de madrugada.

Oh Luisa, oh Luisinha,
Tua agulha me picou:
Tu dizes que não é nada,
Ao coração me chegou.

La-ri-li-ló-léla,
Como vai airosa,
Com a mão na trança,
Não lhe caia a rosa!

A MIM NÃO M'ENGANAS TU

(CHOREOGRAPHICA)

Oh meu manjericão verde,
Aonde lograste o cheiro?
—Na cama do meu amor,
Debaixo do travesseiro!

A mim não m'enganas tu! ter
A panella ao lume, e o arroz 'stá crú!
'Stá crú deixa-lo coser; ter
Dizem mal de mim, deixa-lo dizer!

Já não quero mais amar,
Que de amar eu tenho medo;
Não me quero arriscar
A pagar o que não devo.

A mim não m'enganas tu! etc.

Eu vi á luz da candeia,
Os teus olhos crystalinos;
Desinquietaram minh'alma
Fizeram mil desatinos.

A mim não m'enganas tu! etc.

Se eu morresse ao nascer,
Felis era a minha sorte:
Nem ouvia, nem dizia,
Nem arreceava a morte.

A mim não m'enganas tu! etc.

Estou rouca estou rouquinha,
Tapadinha da garganta;
Manda o medico que eu beba,
Agua d'assucêna branca.

A mim não m'enganas tu! etc.

Oh rosa, quando morreres,
Em que has de ir amortalhada?
Na folha da mesma rosa,
Na que for mais encarnada!

A mim não m'enganas tu! etc.

Eu hei de amar quatro nomes,
Que eu tenho d'obrigação:
É Manuel e Antonio,
Francisquinho e João.

A mim não m'enganas tu! etc.

A candeia por 'star baixa,
Não deixa de alumiar:
O amor por estar longe,
Não deixa de não lembrar.

A mim não m'enganas tu! etc.

Ai de mim! que eu vou depressa,
Eu vou buscar o Senhor;
Que morreu uma donzela,
Nos braços do seu amor!...

A mim não m'enganas tu! etc.

As estrelas miudinhas,
Fazem o ceu bem composto;
Assim são as bexiguinhas,
Nas maçãs d'esse teu rosto.

A mim não m'enganas tu! etc.

O cypreste vai pr'ó ar,
Mangerona em terra fica;
Não sei que amor é o teu,
Que tanto me mortifica!

A mim não m'enganas tu! etc.

Elle é noite, elle é noite,
E eu sem ver o meu bemzinho;
Vou sentar-me á tua porta,
A chorar devagarinho!

A mim não m'enganas tu! ter
A panella ao lume, e o arroz s'tá crú!
S'tá crú, deixa-lo cozer; ter
Dizem mal de mim, deixa-lo dizer!

LUIZINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Oh quem me dera saber,
    Luizinha, bonitinha,
O preço que o roxo tem;
Para me vestir assim,
    Luizinha, bonitinha,
Com sentimento d'alguem!

Chora, chora, chora,
Luizinha, chora;
Dá meia voltinha,
Vamo-nos embora.

Dei um ai, tremeu a terra,
Cahiu a flôr ao sargáço;
Não faças caso de mim,
Que eu de ti caso não faço.

Chora, chora, chora, etc.

Eu hei de um dia apanhar-te
Numa quelha apertadinha;
Depois então perguntar-te,
Porque razão não és minha!

Chora, chora, chora, etc.

O annel que tu me déste,
Anda-me aos saltos no dedo;
Se tu me quiseras bem,
O annel estaria quêdo.

Chora, chora, chora, etc.

Menina, se fôr á fonte,
Ponha o pé na segurança;
Que a honra é como o vidro:
Quem a perde não n'alcança.

Chora, chora, chora, etc.

Quem quizer ouvir cantar,
Vá ás grades da cadeia:
Ouvirá cantar os presos,
Ás escuras, sem candeia.

Chora, chora, chora, etc.

Trigueirinha, engraçada,
Sou filha d'um lavrador;
Vou ao mato, vou á lenha,
Assim me quer meu amôr.

Chora, chora, chora, etc.

Das flores que ha no campo
O junquilho é o rei!
Puseste-te mal comigo,
Choraste, que bem o sei!

Chora, chora, chora, etc.

Menina, não se namore,
D'homem casado que é p'rigo;
Namore-se d'um solteiro,
Que possa casar comsigo!

Chora, chora, chora, etc.

Tive um amor, tive dois,
Não quero ter nenhum mais;
O meu coração s'tá farto,
De dar suspiros e ais!...

Chora, chora, chora, etc.

Verde é a malva cheirosa,
Amargosa na raiz;
Não te gabes que me deixas,
Que foi eu que te não quis.

Chora, chora, chora, etc.

A salsa da minha horta
É verdinha e torce o pé;
Assim eu torcêra a lingua
De quem diz o que não é...

Chora, chora, chora, etc.

Meu coração pede, pede,
Terra para um pomar;
Meus olhos se obrigarão
A dar agua p'ró regar!

Chora, chora, chora, etc.

A laranja quando nasce,
Logo nasce redondinha;
Tambem tu quando nasceste,
Logo foi para ser minha!

Chora, chora, chora, etc.

Quem me dera a liberdade,
Que a réstea do luar tem;
Entrava pela janella,
Ia fallar ao meu bem!

Chora, chora, chora, etc.

Tomaste amores com outra,
E quer's ter amor commigo!
Tu queres partir o amor,
E eu não quero amor partido.

Chora, chora, chora, etc.

Se o bem querer é peccado,
Ai de mim, que já pequei!
Se o padre me não perdôa,
Sem confissão morrerei!...

Chora, chora, chora, etc.

Não me importa que vindimes
Vinha que eu já vindimei;
Não se me dá que tu logres
Amores que eu já logrei!

Chora, chora, chora, etc.

Menina, se sabe ler,
Luizinha, bonitinha,
Leia no meu coração;
Que dentro d'elle achará,
Luizinha, bonitinha,
Se lhe quero bem ou não.

Chora, chora, chora,
Luizinha, chora,
Dá meia voltinha,
Vamo-nos embora. } *bis*

As quadras cantam-se como vae indicado na primeira e ultima.

LARANJA AO AR

(CHOREOGRAPHICA)

Aquelle primeiro amor,
Que no mundo tem a gente,
Não sei que doçura tem,
Que lembra constantemente.

Vá laranja ao ar,
Que eu venho d'Alcochete;
Tu não tens em casa,
A flor do ramalhete!

Que passarinho é aquelle
Que no ar faz ameaço?
Com o bico pede um beijo,
Com as asas um abraço!...

Vá laranja ao ar,
Que eu venho de Lisboa;
Tu não tens em casa
Uma coisa tam boa!

Tendes olhos, compraes olhos,
Oh que bella mercancia;
Comprae-me tambem os meus
Para a vossa companhia.

Vá laranja ao ar,
Que eu venho da Figueira;
Tu não tens em casa
A flor da laranjeira.

Chamaste-me trigueirinha,
Isto é de andar ao sol;
Toda a fructa que é sombria,
Essa não é da melhor.

Vá laranja ao ar,
Que eu venho de Coimbra;
Tu não tens em casa
Uma coisa tão linda!

Quando eu quis, não quiseste
Acceitar o meu partido:
Agora mettes empenhos
Para fallares commigo.

Vá laranja ao ar,
Que eu venho, eu venho,
Da fabrica nova
De ver o engenho.

Se eu á tua casa ia,
Era pr'ó tempo passar;
Não era por outra cousa...
D'essa me posso gabar!

Vá laranja ao ar,
Que eu venho de Vizeu;
Tu não me deixavas,
Mas deixei-te eu.

Meu amor, vamos á murta,
Que eu bem a sei apanhar;
Debaixo da murteirinha
Mil beijinhos te hei de dar.

Vá laranja ao ar,
Fita no chapeu;
Quando estou comtigo,
Cuido estar no ceu.

Estou rouca, enrouqueci,
Não é catarrho nem tosse;
É o ladrão do amor,
Que de mim quer tomar posse!

Vá laranja ao ar,
Quem me dera ver,
O meu amorzinho,
Que 'stá p'ra morrer!

Oh menina, abrande, abrande,
Essa sua opinião;
Que as pedras tambem abrandam,
E ellas bem duras são!

Vá laranja ao ar,
Lá no rio Dão;
Vem devagarinho,
Pr'ó meu coração.

TUM, TUM, ARRAIAL
(CHOREOGRAPHICA)

Eu tinha quatro pretinhos,
Todos quatro da Guiné;
Abalaram a fugir,
Dansando o sericoté!

O sericoté, o sericoté,
Dansando o sericoté.

Tum, tum, arraial,
Tum, tum, caracol,
Tum, tum, pintasilgo,
Tum, tum, rouxinol!

Oh amor, oh desamor,
Oh diabo que te leve,
Que me fazes andar triste,
Podendo eu andar alegre!

Tum, tum, arraial, etc.

Eu fui ao monte á caça,
Matei uma gallinhola;
Encontrei dentro do papo
O tocador da viola!

Tum, tum, arraial, etc.

Quatro coisas quer o amo
Do creado que o serve:
Deitar tarde, erguer cedo,
Comer pouco, andar alegre.

Tum, tum, arraial, etc.

Tenho corrido mil terras,
Mil terras tenho corrido:
Muito cão me tem ladrado,
Mas nenhum me tem mordido.

Tum, tum, arraial, etc.

A azeitona quando nasce,
Logo vae para o lagar:
Quem tem o cabello russo,
Trate logo de o pintar.

Tum, tum, arraial, etc.

Menina que anda a dansar
Com a saia arregaçada:
Sempre quero que me diga
Se ella é sua ou emprestada.

Tum, tum, arraial, etc.

Raparigas cantae todas,
Vamos todas ao terreiro;
Vamos pequenas e grandes,
Toda a palha faz palheiro.

Tum, tum, arraial, etc.

Minha mãe, p'ra m'eu casar,
Prometteu-me tres ovelhas.
Uma cega, outra manca,
Outra musga e sem orelhas.

Tum, tum, arraial, etc.

Coração, não vivas triste,
Vive alegre, se puderes;
Dá o mundo muita volta,
Coração não desesperes!...

Tum, tum, arraial,
Tum, tum, caracol,
Tum, tum, pintasilgo,
Tum, tum, rouxinol!

ARREDONDA A SAIA

(CHOREOGRAPHICA)

Quero cantar e não posso,
Falta-me a respiração;
Falta-me a luz dos teus olhos,
Amor do meu coração.

Amor do meu coração,
Amor do meu coração;
Quero cantar e não posso,
Falta-me a respiração.

Mariquinhas arredonda a saia,
Arredonda a saia, arredond'á bem;
Meia volta que dás ao par,
Bate as palmas, olaré, traz, traz!

Bate as palmas, olaré, traz, traz!
Bate as palmas, olaré, traz, traz!
Mariquinhas, arredonda a saia,
Arredonda a saia, arredonda'a bem!

Eu hei-de amar ás avessas,
Para ninguem o saber;
Passa por mim, fecha os olhos,
Faz'-te cego sem o ser.

Mariquinhas, arredonda a saia, etc.

Bate as palmas, olaré, traz, traz, etc.

Oh arvoredo fechado,
Não digas que eu aqui vim!
Não quero que o meu bem saiba
Novas nenhumas de mim.

Mariquinhas, arredonda a saia, etc.

Bate as palmas, olaré, traz, traz, etc.

Tudo no mundo acaba,
Degenera e faz mudança;
Só para mim não acaba,
A tua cara lembrança!

Mariquinhas, arredonda a saia, etc.

Bate as palmas, olaré, traz, traz, etc.

Os meus olhos não são olhos,
Sem 'starem os teus defronte;
São dois rios caudalosos,
Quando vão de monte a monte.

Mariquinhas, arredonda a saia, etc.

Bate as palmas, olaré, traz, traz, etc.

Oh olhos da minha cara,
Não olheis para ninguem;
Já que perdeste a graça,
Perdei a vista tambem!

Mariquinhas, arredonda a saia, etc.

Bate as palmas, olaré, traz, traz, etc.

Á sombra da laranjeira,
Está o amor a chorar;
Mais vale não prometter,
Que prometter e faltar!...

Mariquinhas, arredonda a saia, etc.

Bate as palmas, olaré, traz, traz, etc.

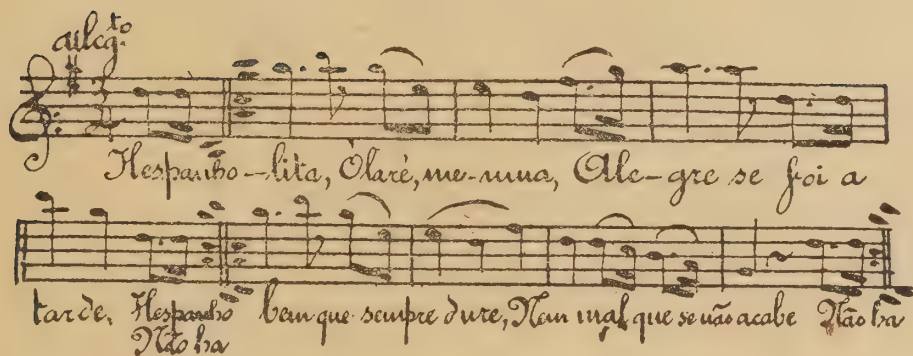
Sentei-me á beira do rio,
Para as aguas vêr correr:
Vi correr as dos meus olhos,
Para mais penas eu ter.

Mariquinhas arredonda a saia,
Arredonda a saia, arredond'á bem;
Meia volta que dás ao par,
Bate ás palmas, olaré, traz, traz!

Bate as palmas, olaré, traz, traz,
Bate as palmas, olaré, traz, traz;
Mariquinhas arredonda a saia,
Arredonda a saia, arredond'á bem!

As quadras cantam-se como vae indicado na primeira.

HESPANHOLITA

(CHOREOGRAPHICA)

Muitas voltas dá o rio
Em volta do amieiro:
Mais voltas dá o amor,
Sendo leal, verdadeiro.

Hespanholita, olaré, menina,
Alegre se foi a tarde;
Não ha bem que sempre dure,
Nem mal que se não acabe!

Se tu me quiseras bem
Da raiz do coração,
Tu me vieras fallar,
Que as noites bem grandes são.

Hespanholita, olaré, menina, etc.

Ai de mim, que já não posso
Cantar como já cantei:
Bebi a grauma ao tojo,
Até a falla mudei.

Hespanholita, olaré, menina, etc.

Que tendes no pucarinho,
Menina, que tão bem cheira?
— São as lagrimas do amor,
Que se vai segunda feira.

Hespanholita, olaré, menina, etc.

Quem tem amores na terra,
Póde rir, pode folgar;
Eu por mim como os não tenho,
Passo a vida a suspirar!

Hespanholita, olaré, menina, etc.

Que lindo botão de rosa
Tenho na minha costura;
O amor para comtigo
Acaba na sepultura!

Hespanholita, olaré, menina, etc.

Cheguei mesmo agora á rua,
Já sei o que vae por ella:
Furtaram ao meu amor
Um craveiro da janella.

Hespanholita, olaré, menina, etc.

Tenho dentro do meu peito
O que eu não quero dizer:
Hei-de-me casar comtigo
Ninguem o ha-de saber.

Hespanholita, olaré, menina, etc.

Eu tenho raivas ao norte,
Que me desfolha o meu cravo:
Tenho raivas a mim mesma
Por não ser do teu agrado.

Hespanholita, olaré, menina, etc.

Minha mãe do ceu valeu-me
Que a da terra nada pode:
A do ceu 'stá sempre viva
E a da terra logo morre.

Hespanholita, olaré, menina, etc.

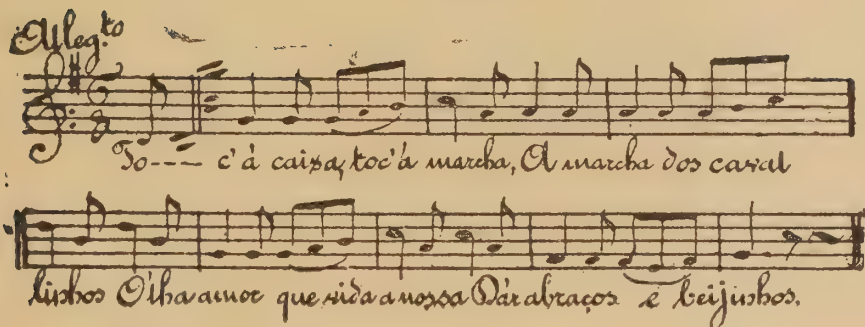
Eu gosto de ver dansar
Quem tem a saia rasteira;
Põe o pé firme no chão
Não alevanta poeira.

Hespanholita, olaré, menina, etc.

Erva cidreira dos montes
É regalo dos pastores;
Deitam o gado a ella
E vão ver os seus amores.

Hespanholita, olaré, menina,
Alegre se foi a tarde;
Não ha bem que sempre dure,
Nem mal que se não acabe!

TOCA A CAIXA

(CHOREOGRAPHICA)

Não me atires com pedrinhas,
Que estou a lavar a louça;
Atira-me com beijinhos,
Cousa que meu pae não ouça.

Toc'á caixa, toc'á marcha,
A marcha dos cavalinhos;
Oh amor, que vida a nossa,
Dar abraços e beijinhos!

Eu tenho cinco namoros,
Tres de manhã, dois de tarde;
A todos cinco eu minto,
Só a ti fallo verdade.

Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

Eu amava-te, menina,
Se não fosse um senão:
Seres pia d'agua benta,
Onde todos põem a mão.

Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

Estrellas do ceu, cahi,
Vinde fazer juramento,
Vinde dizer se me viste
Com alguem perder o tempo.

Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

Chamaste-me amarellinha,
Amarella quero ser;
Amarella como o ouro,
Que mais poderei valer?

Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

Dava-te o meu coração
Se m'o tiveras pedido;
Agora já t'o não dou,
Já o tenho promettido.

Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

Oh meu amor, meu amor,
Minha primeira affeição;
Has-de ser o oratorio
Adonde eu faço adoração.

Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

A maçã do acipreste
É dura, não amollece;
É como o amor dos homens...
Triste de quem o conhece!

Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

Oh prima, chama-me primo;
Oh primo, não te sou nada;
D'onde nos viria agora
Esta nossa parentada?

Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

Tendes parreirinha á porta,
Tendes sombra regalada:
Tendes fama de bonita,
Deveis ser bem procurada...

Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

O jasmim caiu do ceu,
No ar frio a assucêna;
Não ha nada neste mundo
Que me não venha dar pena!

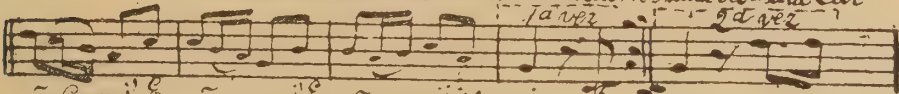
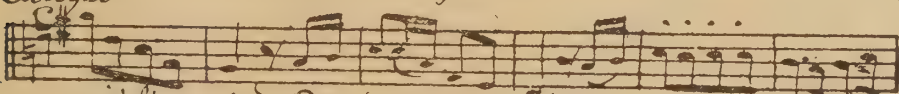
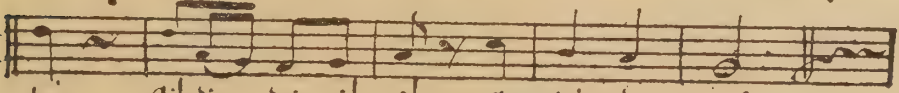
Toc'á caixa, toc'á marcha, etc.

Menina, se sabe ler,
Leia no meu coração:
Dentro d'elle ha-de achar
Se lhe quero bem ou não.

Toc'á caixa, toc'á marcha,
A marcha dos cavallinhos;
Oh amor, que vida a nossa,
Dar abraços e beijinhos!

CARQUEIJEIRA OU DIGO DAI

(CHOREOGRAPHICA)

Chamaste-me Carqueijeira, } *bis*
Eu não carqueijei, }
Eu não carqueijei assim!
Tomáreis vós uma dama, } *bis*
Carqueijeira com' }
Carqueijeira com'a mim!

O luar já lá vem alto,
Digo dai, digo dai, ai! ai!
E o amor sem cá chegar ao pé!
Ai! digo dai! ai! ai!
Ao pé de mim!

NÃO POSSO VIVER SEM TI

(CHOREOGRAPHICA)

Não ha sol como o de maio,
Luar como o de janeiro;
Nem cravo como o regado,
Nem amor como o primeiro!

Não posso viver sem ti,
Nem tu, lindo amor, sem mim, } *bis*
Vem cá minha rosa branca,
Vem cá para o meu jardim. } *bis*

Quatro coisas são precisas,
Para saber namorar:
Olho fino, pé ligeiro,
Responder, saber fallar.

Não posso viver sem ti, etc.

Dizem que matam amores,
Ai quem me dera morrer;
Vale mais morrer de amores,
Do que sem eles viver!

Não posso viver sem ti, etc.

Aqui me tens a teu lado,
Oh minha pomba sem fel;
No tempo que tu me amavas
Sempre me fostes cruel.

Não posso viver sem ti, etc.

Se tu me quisesses bem,
Não me fallavas assim;
Pedias a Deus do ceu,
Voltavas-te para mim.

Não posso viver sem ti, etc.

Olha para mim e ri-te,
Tira-te d'essa tristeza;
Olha que nunca has-de achar
Coração de mais firmesa.

Não posso viver sem ti, etc.

Adeus, campos, adeus, vales,
Adeus, amor, que eu amei;
Inda agora adoro o sitio
Onde contigo fallei.

Não posso viver sem ti, etc.

De noite tudo são sombras,
Nellas te hei-de procurar,
Já que de dia não posso
Tuas fallas alcançar.

Não posso viver sem ti, etc.

Abre-me a porta que eu morro,
Não abras que eu já morri:
Não me faças perder a alma
Que o corpo já eu perdi.

Não posso viver sem ti, etc.

Oh luar da meia noite,
Guarda-te lá para o v'rão;
Quem anda cego d'amores
Quer escuro, luar, não.

Não posso viver sem ti, etc.

De uma falla que te dei
Logo te foste gabar:
Pela bocca morre o peixe...
Bem te puderas calar!

Não posso viver sem ti, etc.

Inda que eu viva mais annos
Do que folhas tem o vime,
Não me hades achar mudado,
Senão cada vez mais firme.

Não posso viver sem ti, etc.

Esta noite á meia noite,
Senti cantar a perdiz:
Inda fui dormir um somno
Nos braços de quem eu quis.

Não posso viver sem ti, etc.

Oh ingrata, eu já vi
Tua soberba abatida:
Inda espero de ver mais,
Se me não faltar a vida.

Não posso viver sem ti, etc.

Eu já te não quero bem,
Nem mais para ti olhar:
Porque me foram dizer
Que estavas p'ra me deixar.

Não posso viver sem ti, etc.

Amores ao pé da porta,
Oh quem os pudéra ter!
Antes que a bôcca não falle,
Os olhos gostam de ver.

Não posso viver sem ti, etc.

Eu bem vi o girasol
Ao passar d'uma ribeira;
Já não vejo girasol,
Nem amor que bem me queira.

Não posso viver sem ti, etc.

Tendes a videira á porta
Mas não a sabeis podar:
Tendes o amor defronte,
Não o sabeis namorar.

Não posso viver sem ti, etc.

Oh alto e verde acipreste,
Cobre-me com a tua sombra,
Que eu trago a dama furtada
E não sei onde a esconda.

Não posso viver sem ti, etc.

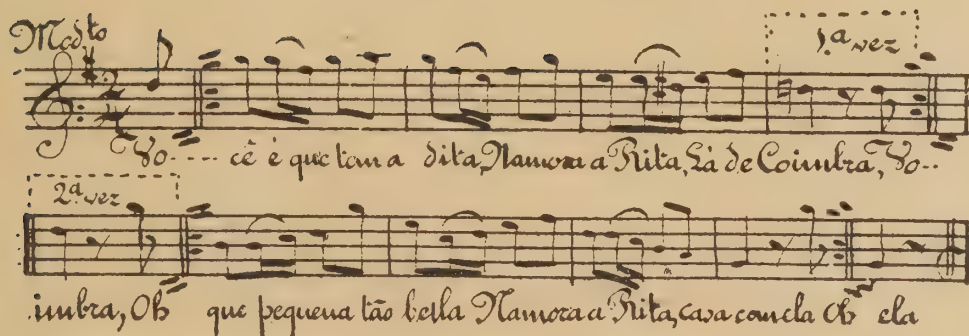
O amor não é um crime
Nem o confessar o quita:
Quem morre nesses teus braços
Não morre, mas resuscita.

Não posso viver sem ti, etc.

Tenho na minha janella
O que tu não tens na tua:
Um vaso de violetas,
Que se lhe chega da rua.

Não posso viver sem ti,
Nem tu, lindo amor, sem mim, } *bis*
Vem cá minha rosa branca,
Vem cá para o meu jardim. } *bis*

NAMORA A RITA

(CHOREOGRAPHICA)

Já não quero ir á sala
Sem levar o candieiro:
Tenho medo que me matem
Os beijos d'algum bréjeiro.

Você é que tem a dita,
Namora a Rita, } *bis*
Lá de Coimbra;
Oh que pequena tam bella,
Namora a Rita, } *bis*
Casa com ella.

Fui ao jardim, fiz um ramo
De quantas flores havia:
Só me faltava um suspiro,
Para te lograr, Maria.

Você é que tem a dita, etc.

Toda a mulher que se casa
Grande castigo merece:
Deixa seu pai, sua mãe,
Vae amar quem não conhece.

Você é que tem a dita, etc.

Os olhos da minha cara,
Já os tenho reprehendido,
Que não olhem p'ra ninguem,
Que 'stá o mundo perdido.

Você é que tem a dita, etc.

O sol quando nasce, inclina,
O sol quando inclina, queima;
Hei de amar quem eu quiser,
Só por causa d'uma teima!

Você é que tem a dita, etc.

A salsa é tão melindrosa,
Que nasce pelas paredes;
Tambem o meu amor tem
Os seus melindres ás vezes.

Você é que tem a dita, etc.

Quem falla de mim, quem falla,
Quem falla de mim, quem é?
Quem não é capaz de ser
Çapato para o meu pé?!

Você é que tem a dita, etc.

Por mais que de ti me apartem,
Mais, amor, eu te hei de q'rer;
Que o meu coração é vara
Que ninguem pode torcer...

Você é que tem a dita, etc.

A laranja cahiu n'agua,
Apodreceu-lhe metade;
Quem ama dois corações,
Ama um com falsidade!

Você é que tem a dita, etc.

Deitei o cravo no poço,
Fechado, e voltou aberto;
Esses teus olhos, menina,
São ligas com que me aperto!

Você é que tem a dita, etc.

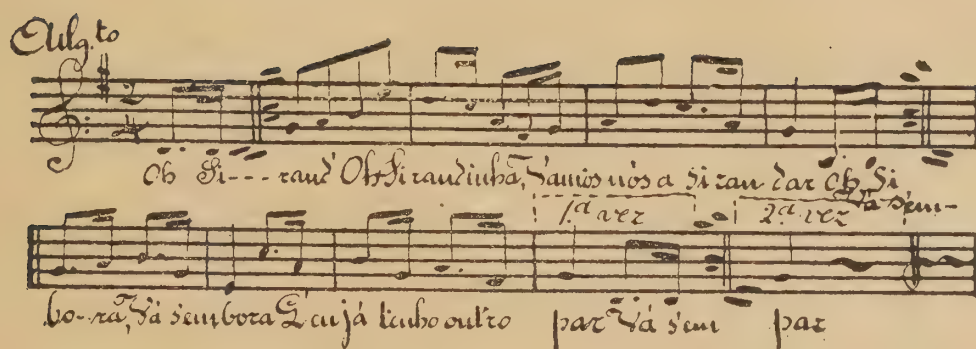
Ó meu amor, não vás hoje,
Que ámanhã tambem é dia;
Deixa ficar os teus olhos,
Para a minha companhia.

Você é que tem a dita, etc.

Pobre d'aquelle que vae
Ao jardim que outros tem ido,
Cortar a mais linda flor,
Arriscar-se a maior p'rigo!

Você é que tem a dita,
Namora a Rita, } *bis*
Lá de Coimbra;
Oh que pequena tam bella
Namora a Rita } *bis*
Casa com ella.

SIRANDINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Loureiro, verde loureiro,
Séca já a tua rama;
Eu era tão pequenina,
Já me querias pôr fama.

Oh siranda, oh sirandinha } *bis*
Vamos nós a sirandar;
Vá-se embora, vá-se embora, } *bis*
Que eu já tenho outro par!

Se tu me quiseras bem,
Como as palavras que dizes,
O meu coração ao teu,
Tinha deitado raizes.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Eu tenho ouvido dizer:
Palavras leva-as o vento;
As minhas para comtigo,
Trago-as eu no pensamento.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Adeus, que me vou embora,
Adeus que me leva o vento:
Já não ha quem por mim chore,
Neste triste apartamento.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Aquella menina é minha,
Aquelles olhos são meus,
Aquelle corpo bem feito
Fui eu que o pedi a Deus!

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Eu fui que accendi o lume
Numa chaminé dourada;
Eu fui que dispus amores;
Reparti, fiquei sem nada.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

O lencinho que bordáste
Tem dois corações no meio;
Olha, amor, se tu te lembras
D'onde esse lencinho veio...

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Tu já por aqui não passas,
Já *mudastes* o andar;
Tomastes outros amores,
Ou andas para os tomar.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Adeus, folha do salgueiro,
Raminho de bem querer;
Quem á tua sombra chegue,
Não se deve arrepender.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Oh rio que vaes correndo
De penedo em penedo...
Rio, leva-me uma carta,
Ao meu amor, em segredo!

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Apaga-me essa candeia,
Que está o azeite caro;
Defronte de mim 'stão olhos
Que alumiam mais claro.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Esta noite choveu oiro,
Diamantes orvalhou;
Ahi vem o sol com seus raios,
Enxugar quem se molhou.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Os olhos azues são lindos
E cheios de ingratidão;
É por elles que padece
O meu triste coração.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Tendes pescoço de neve,
Nelle se pode escrever;
Pudera eu ser estudante,
Que nelle aprendera a ler!

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Quem me dera ser colete,
Ao menos atacador,
Que eu andaria enleado
Ao peito do meu amor.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Adeus, adeus, sol de maio,
Adeus luar de janeiro,
Adeus, oh minha menina,
Que foi meu amor primeiro.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Coitadinho de quem nasce
No mundo sem ter ventura!
É como o prato que quebra
Que atiram com elle á rua.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Se eu morrer em meu juizo,
No meu sentido perfeito,
Heide pedir que me enterrem
No jardim d'esse teu peito.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Adeus, caminho da fonte,
Pedras finas de alto preço;
Outra virá que te logre,
Já que eu te não mereço.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Oh minha bella menina,
Hoje, sim, amanhã, não;
Hoje me tiram a vida,
Amanhã o coração.

Oh siranda, oh sirandinha, etc.

Atiraste-me a matar,
Coração d'alma perdida;
Agora pões-te a chorar...
Cuidas que me dás a vida!

Oh siranda, oh sirandinha, } *bis*
Vamos nós a sirandar; }
Vá-se embora, vá-se embora, } *bis*
Que eu já tenho outro par! }

MANGERICO

(CHOREOGRAPHICA)

Oh minha pombinha branca,
Quando é que ha-de ser a hora
Que tu has-de dar um salto
D'esse pombal para fora?

Mangerico, oh meu mangerico, } *bis*
Se te vais embora, eu aqui não fico;
Mangerico, meu mangericão, } *bis*
Amor da minh'alma, dá-me a tua mão.

Eu hei-de mandar fazer,
Ou elle já 'stará feito,
Um anel para o teu dedo,
Um botão para o teu peito.

Mangerico, oh meu mangerico, etc.

O lindo calix de flor,
Onde a abelha tem sustento;
Nos olhos do meu amor
É que eu emprégo o meu tempo.

Mangerico, oh meu mangerico, etc.

Oh que linda troca d'olhos,
Que fizeram dois amantes:
Trocaram dois olhos pretos
Por dois azues tam galantes!

Mangerico, oh meu mangerico, etc.

Semeei no meu quintal
Um lirio roxo, meu bem:
Tambem cai numa desgraça
Quem muito juizo tem.

Mangerico, oh meu mangerico, etc.

Se o bem-querer se pagasse,
Quanto me estavas devendo!
Com quanto tens não me pagas
O bem que te estou querendo.

Mangerico, oh meu mangerico, etc.

Já não ha papel nas lojas,
Nem ha tinta nos conventos,
Para te escrever, amor,
Cartinha de sentimentos.

Mangerico, oh meu mangerico, etc.

Dá-me um ar da tua graça,
Oh meu junquilho amarello;
Ninguem póde avaliar
O grande bem que te eu quero.

Mangerico, oh meu mangerico, etc.

Dei um nó d'amante firme
No laço do teu pescoço;
Julguei que ganhei, perdi
As maçãs d'esse teu rosto.

Mangerico, oh meu mangerico, etc.

Nas paredes do meu quarto
Teu lindo rosto gravei;
Olhos fitos no retrato,
Dando ais, acabarei.

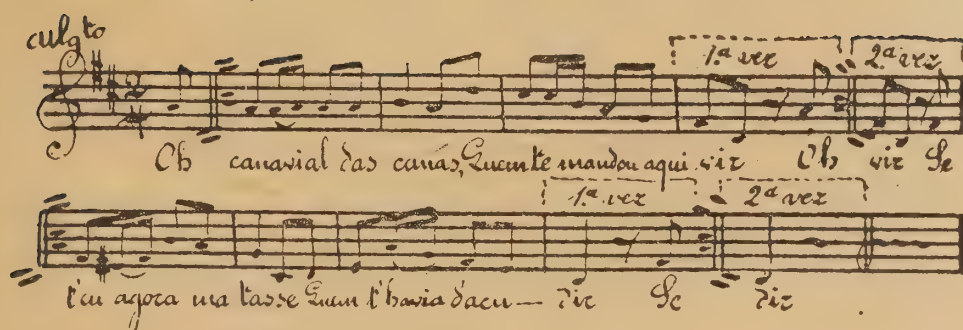
Mangerico, oh meu mangerico, etc.

Debaixo da malva-roxa
Põe-se a mesa pr'ó jantar;
Nesta terra não passeia
Quem a mim me ha-de lograr.

Mangerico, oh meu mangerico, etc.

Trago tres letrinhas d'oiro
Gravadas neste meu peito:
A primeira diz, amor,
O mal que te tenho feito.

Mangerico, oh meu mangerico,
Se te vais embora, eu aqui não fico; } *bis*
Mangerico, meu mangericão,
Amor da minh'alma, dá-me a tua mão. } *bis*

CANNAVIAL
(CHOREOGRAPHICA)

Sexta-feira é alfazema,
Que dá flores todo o anno; } *bis*
Ó menina dê-me o sim,
Não me dê o desengano! } *bis*

Oh cannavial das cannas,
Quem te mandou aqui vir; } *bis*
Se te eu agora matasse
Quem te havia de acudir? } *bis*

Vestem-se os ares de luto,
As estrellas põem veu;
Ando mal c'o meu amor,
É bom que o saiba o céu.

Oh cannavial das cannas, etc.

Ai lari lari lo-lé } *bis*
Ai lari lo-lé sou tua;
Não o digas a ninguem, } *bis*
Nem ás pedrinhas da rua.

Oh cannavial das cannas, etc.

Eu fui á figueira aos figos,
Andei de ramo em ramo;
Fui ao céu buscar amores,
Que os da terra são engano.

Oh cannavial das cannas, etc.

Toma lá este raminho,
Leva cylindras e goivos;
Tambem leva malva-rosa,
Depressa seremos noivos.

Oh cannavial das cannas, etc.

Esta noite foi meu gosto,
Outra noite foi regalo;
Hei-de me ir adivertir
Até ao cantar do gallo.

Oh cannavial das cannas, etc.

Menina, não se namore
Do tocador da viola;
Que elle é de fóra da terra,
Faz a sua e vai-se embora.

Oh cannavial das cannas, etc.

Andas morto por saber
Onde eu tenho a minha cama;
Tenho-a á borda do rio,
Debaixo da verde rama.

Oh cannavial das cannas, etc.

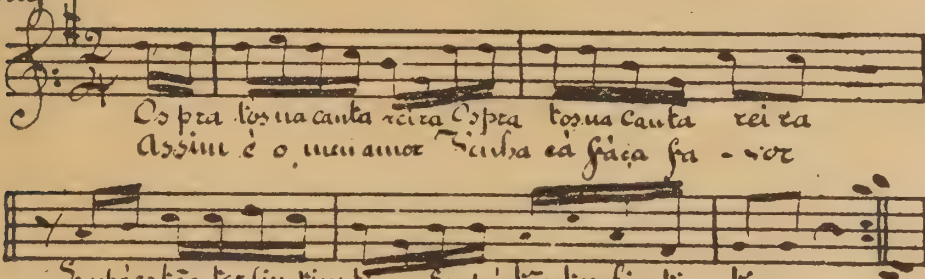
Se o meu amor tirar sorte,
Eu não no hei-de livrar;
Servir o rei é nobreza,
Meu amor, deixa-te andar.

Oh cannavial das cannas, etc.

Os meus olhos são dois patos,
Fechados numa alagôa,
Cansadinhos de chorar
Por uma certa pessoa.

Oh cannavial das cannas, etc.

O meu amor é sargento,
O meu amor traz divisa;
Traz collarinho engommado,
Botões d'oiro na camisa.

Oh cannavial das cannas, etc.

A castanha no ouriço
'Stá o tempo que ella quer;
É como o rapaz solteiro,
Em quanto não tem mulher.

Oh cannavial das cannas, } *bis*
Quem te mandou aqui vir;
Se te eu agora matasse } *bis*
Quem te havia de acudir?

OS PRATOS NA CANTAREIRA

(CHOREOGRAPHICA)

Hei-de-me ir para o Brasil,
Casar c'uma brasileira;
Já que não ha nesta terra
Rapariga que me queira.

Os pratos na cantareira } *bis*
Sempre estão ter-lin-tin-tim
Assim é o meu amor,
Venha cá, faça favor } *bis*
Quando está ao pé de mim.

Adeus, caminho da fonte,
Já de mim não és seguido;
Já não encontro por lá
Quem eu trago no sentido.

Os pratos na cantareira, etc.

D'aqui para a tua terra,
Tudo é caminho chão;
Tudo são cravos e rosas,
Dispostos por tua mão.

Os pratos na cantareira, etc.

Vosso cabello dobado,
Dá mais de trinta novellos;
Vossos olhos ramalhudos
Quem me dera aborrece-los!

Os pratos na cantareira, etc.

Oh meu amor, andas longe,
Cá te trago no sentido;
Retratado na memoria,
No pensamento mettido.

Os pratos na cantareira, etc.

Á tua porta 'stou morto,
Trata de me ir enterrar;
Na tua mão 'stava a vida
Se tu m'a quiseras dar.

Os pratos na cantareira, etc.

Menina que anda na vinha
Dê-me um cachinho alvar;
Que eu lhe darei um arinto
Quando meu pai vindimar.

Os pratos na cantareira, etc.

Ausente do bem que adoro,
Não faço gosto em nada;
É tam profunda a tristeza,
Que só o chorar me agrada.

Os pratos na cantareira, etc.

Abre-se uma sepultura,
No meio d'uma igreja;
Bota-se-lhe um corpo dentro,
Falta terra, não sobeja.

Os pratos na cantareira, etc.

O sete-estrello vai alto,
Já 'stá para amanhecer;
Vou-me embora meu amor,
Que me podem conhecer.

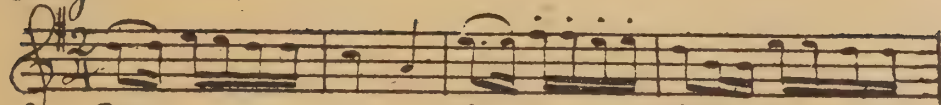
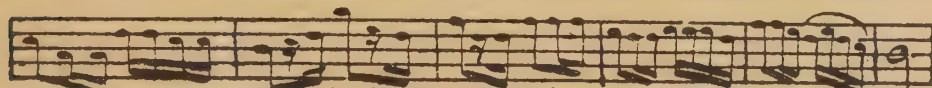
Os pratos na cantareira, etc.

Manoel abraçou Anna,
Que eu bem o vi abraçar;
Cousa que os meus olhos virem
Ninguem o póde negar.

Os pratos na cantareira, etc.

Lagrimas ao pôr a mesa,
Suspiros ao levantar;
Diga-me, oh minha menina,
Porque é tanto chorar.

Os pratos na cantareira } *bis*
Sempre estão ter-lin-tin-tim }
Assim é o meu amor,
Venha cá, faça favor } *bis*
Quando está ao pé de mim. }

MARIANNA
(CHOREOGRAPHICA)

Marianna, diz que tem,
Sete saias a balão,
Que lhe deu um caixeirinho
Da gaveta do patrão.

Oh ai! oh ai!
Oh ai! meu amor:
O caminho americano
Anda mais de que o vapor!

Marianna, diz que tem,
Uma saia de setim,
Que lhe deu um caixeirinho
Lá ao fundo do jardim!

Oh ai! oh ai! etc.

Marianna, diz que tem,
Uma saia de velludo,
Que lhe deu um caixeirinho
Para os bailes do entrudo.

Oh ai! oh ai! etc.

Marianna, diz que tem,
Um saióte de baêta,
Que lhe deu um caixeirinho
Lá do fundo da gavêta...

Oh ai! oh ai! etc.

Marianna, diz que tem,
Uma sainha de renda,
Que lhe deu um caixeirinho
Por ella varrer a tenda.

Oh ai! oh ai! etc.

Marianna, diz que tem,
Uma saia de fustão,
Que lhe deu um caixeirinho
Na noite de S. João.

Oh ai! oh ai! etc.

Marianna, diz que tem,
Um saióte azul bordado;
Que lhe deu um caixeirinho
P'ró dia do seu noivado!

Oh ai! oh ai! etc.

Se eu soubera, Marianna,
Que tu eras alfaiata,
Mandava vir de Coimbra
Agulha e dedal de prata!

Oh ai! oh ai! etc.

Marianna, é baixinha,
Traz a saia pela lama;
Tenho-lhe dito mil vezes:
Ergue a saia, Marianna!

Oh ai! oh ai!
Oh ai! meu amor:
O caminho americano
Anda mais de que o vapor!

LYRIO ROXO

(CHOREOGRAPHICA)

Oh meu lyrio rôxo,
Criado no matto,
Tu és da minh'alma,
O fiel retrato!

Tu só me acompanhas,
No pranto e na dor...
Quero, quero, pois amar-te,
Mimosinha flôr!

Oh terna saudade,
Minha linda flôr,
Fiel companheira
Nas penas de amor.

Tu só me acompanhas, etc.

Da rosa não quero
Seu cheiro mimoso;
Encerra os espinhos
De arbusto viçoso!

Tu só me acompanhas, etc.

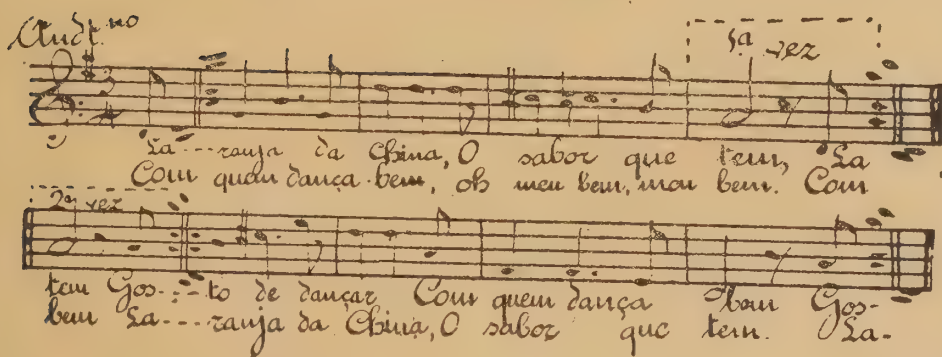
Oh goivo tristonho,
Das campas ornato,
Do meu coração,
Tu és o retrato.

Tu só me acompanhas, etc.

Oh meu lyrio roxo,
Nos montes fugido,
Do meu coração,
Tu és sempre qu'rido.

Tu só me acompanhas
No pranto e na dôr...
Quero, quero, pois amar-te,
Mimosinha flôr!

LARANJA DA CHINA

(CHOREOGRAPHICA)

Eu e o meu amor
Fizemos contrato,
D'ella amar a vinte
E eu a vinte e quatro.

Laranja da China,
O sabor que tem!
Gosto de dansar,
Com quem dansa bem.

Com quem dansa bem,
Oh meu bem, meu bem...
Laranja da China,
O sabor que tem!

Ora, adeus, adeus,
Adeus regalar,
Tenho muita pena
De aqui te deixar.

Laranja da China, etc.

Com quem dansa bem, etc.

Meu amor é rico,
Eu é que sou pobre;
Co'a sua riqueza
Talvez me não logre.

Laranja da China, etc.

Com quem dansa bem, etc.

Amores bonitos
P'ra que os quero eu?
Já tive um tão lindo
Depressa morreu.

Laranja da China, etc.

Com quem dansa bem, etc.

Toma lá pinhões
Do meu pinheiral;
Come poucochinhos
Que te fazem mal.

Laranja da China, etc.

Com quem dansa bem, etc.

O amor dos homens
É de pouca dura;
É como a laranja,
Quando está madura.

Laranja da China, etc.

Com quem dansa bem, etc.

Tua mãe, amor,
Ninguem na entende:
Tam depressa quer,
Como não pretende.

Laranja da China, etc.

Com quem dansa bem, etc.

Eu já estou rouca,
Não é catharreira;
Foi de beber agua,
Naquella ribeira.

Laranja da China, etc.

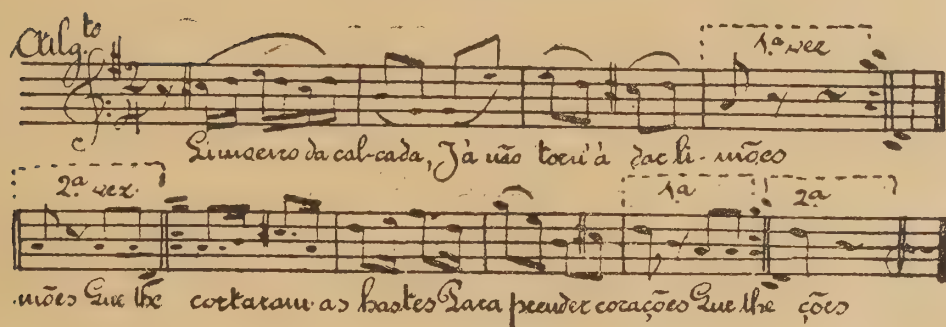
Com quem dansa bem, etc.

O meu bem me disse,
E eu achei-lhe graça:
— Eu sou çapateiro,
Não andes descalça.

Laranja da China,
O sabor que tem!
Gosto de dansar,
Com quem dansa bem.

Com quem dansa bem,
Oh meu bem, meu bem...
Laranja da China,
O sabor que tem!

LIMOEIRO DA CALÇADA

(CHOREOGRÁPHICA)

Nem meu pai, nem minha mãe
Nem tão pouco o confessor,
Já me tiram do sentido
De eu fallar ao meu amor.

Limoeiro da calçada,
Já não torna a dar limões;
Que lhe cortaram as hastes,
Para prender corações.

Aqui tens a minha mão,
Unida palma com palma;
Aqui tens meu coração,
Para unir á tua alma.

Limoeiro da calçada, etc.

Faz calma que arrasa o mundo,
Senhor, mandai viração;
Anda o meu amor a ella,
Que é fraco de compreição.

Limoeiro da calçada, etc.

Não quero que me dês nada,
Nem t'o quero acceitar;
Pois que sempre ouvi dizer:
Quem acceita que ha-de dar.

Limoeiro da calçada, etc.

Mandei-te um ramo de cravos
P'ra te ver, meu lindo goivo;
Manda-me dizer por elle,
Quando serás o meu noivo.

Limoeiro da calçada, etc.

D'aqui onde estou bem vejo,
Uma candeiinha accêsa;
Não me atrevo a apagá-la
Com dois beijos á francesa.

Limoeiro da calçada, etc.

Por cima do meu craveiro
Orvalhou a bella aurora;
Eu acho que é toleima,
Reprehender a quem namora.

Limoeiro da calçada, etc.

Assubi ao acipreste,
Cheguei ao meio, cahi;
Quem quiser tomar amores,
Assuba, que eu já desci.

Limoeiro da calçada, etc.

O meu amor honte'á noite,
Pela porta me passou;
Por causa da vizinhança
Nem o chapeu me tirou!

Limoeiro da calçada, etc.

Fui ao jardim dos teus olhos,
Apanhar mercuriaes;
Bem me queres, mal me queres...
Cada vez te quero mais!

Limoeiro da calçada, etc.

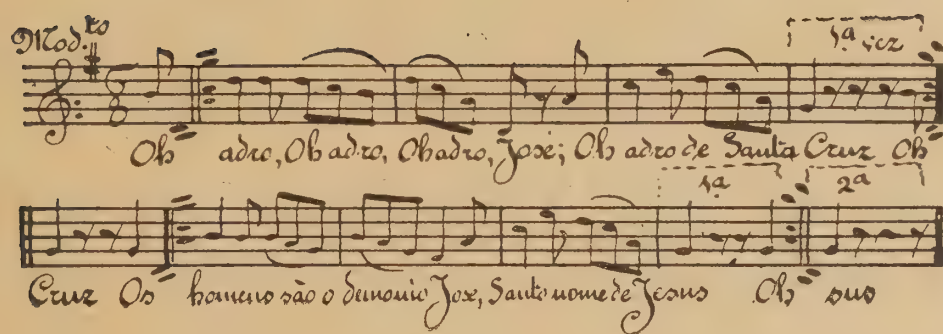
Mandei-te um ramo de rosas,
Atado com uma fita ;
E dentro o meu coração
P'ra fazer-te uma visita.

Limoeiro da calçada, etc.

Não sei ler nem escrever,
Nem tambem tocar viola ;
Desejava de aprender,
Menina, na sua escola.

Limoeiro da calçada,
Já não torna a dar limões,
Que lhe cortaram as hastes,
Para prender corações.

OH ADRO

(CHOREOGRAPHICA)

Aqui tens meu coração,
A chave para o abrir:
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir!

Oh adro, oh adro, oh adro,
José
Oh adro de Santa Cruz:
Os homens são o demonio
José
Santo nome de Jesus!

Assubi ao alto cedro,
Pus a mão na preta amora,
Passei comtigo mil famas,
Quem me ha-de querer agora?

Oh adro, oh adro, oh adro,
José
Oh adro de Sant'Antonio
Os homens são uns santinhos
José
E as mulheres são-n'o demonio.

Oh arvoredo fechado,
Não digas que eu aqui vim:
Não quero que o amor saiba,
Novas nem partes de mim.

Oh adro, oh adro, oh adro, etc.

A maçã do acipreste
É doce e tem casca amarga,
E como o amor dos homens:
Tanto pega, como larga.

Oh adro, oh adro, oh adro, etc.

Esta noite bole o vento,
Cae a flor ao manjerico;
Casa, amor, com quem quiseres,
Que eu bem satisfeito fico.

Oh adro, oh adro, oh adro, etc.

Passei pela tua porta,
Bem te vi, não te fallei;
Por causa da tua gente,
Bem ao disfarce me dei.

Oh adro, oh adro, oh adro, etc.

Não ha flor com'ó suspiro
Nem cheiro mais excellente;
Não ha pena que mais mate
Ter amor e 'star ausente.

Oh adro, oh adro, oh adro, etc.

Já cortei o meu cabello,
Já o atei por detrás;
C'uma fita azul escura,
Que me deu o meu rapaz.

Oh adro, oh adro, oh adro, etc.

Tens o loureiro á porta,
Tens o teu balcão sombrio;
Quem tem sombra, tem regalo,
Quem tem regalo, tem brio.

Oh adro, oh adro, oh adro,
José
Oh adro de Santa Cruz:
Os homens são o demonio
José
Santo nome de Jesus!

O salgueiro á borda d'agua,
Tem raizes á canhota;
Não ha coisa mais cheirosa
Que a folha da bergamota.

Oh adro, oh adro, oh adro,
José
Oh adro de Sant'Antonio
Os homens são uns santinhos
José
E as mulheres são-n'o demonio.

MANUEL

(CHOREOGRAPHICA)

Manuel por ver as moças,
Manuel!
Fez uma fonte de prata;

Manuel, tão lindas moças,
Manuel, tão lindas são;
Manuel, quero-te muito,
Manuel, do coração;
Manuel, dá-me os teus braços,
Manuel, do coração!

As moças não vão á fonte,
Manuel!
Manuel todo se mata;

Manuel, tão lindas moças,
Manuel, tão lindas são:
Manuel, quero-te muito,
Manuel, do coração;
Manuel, dá-me os teus braços,
Manuel, do coração!

Trago o meu peito ralado,
Á força de padecer;
Esta pena é um segredo
Que ninguem ha-de saber.

Manuel, tão lindas moças, etc.

Já fui rica e formosa,
Hoje sou velha e mesquinha,
Fui feliz, sou desgraçada:
Triste sorte foi a minha!

Manuel, tão lindas moças, etc.

Saudades, saudades,
Saudades tenho eu;
Quem não ha-de ter saudades
D'um amor que já foi seu?

Manuel, tão lindas moças, etc.

Tu és como a trovoada,
Que do céu á terra vem;
Sempre deixas nomeada
Mais aqui, ou mais além.

Manuel, tão lindas moças, etc.

O meu nome é só — amar-te,
Meu sobre nome — querer-te,
Meu appellido — adorar-te,
Minha alcunha — merecer-te.

Manuel, tão lindas moças, etc.

Dós teus olhos fiz tinteiro,
Do nariz penna aparada,
Dos dentes letra meúda,
Da bôcca carta fechada.

Inda agora aqui chegou,
Manuel!
O filho da minha mãe,

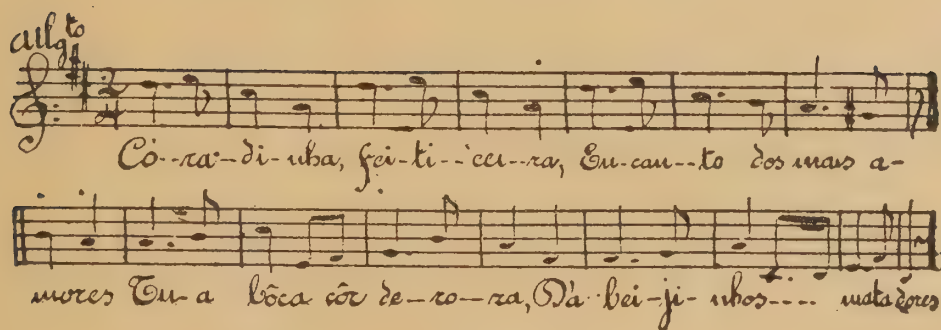
Manuel, tão lindas moças,
Manuel, tão lindas são;
Manuel, quero-te muito,
Manuel, do coração;
Manuel, dá-me os teus braços
Manuel, do coração!

Para usá-la cortesia
Manuel!
Com quem na sua tambem.

Manuel, tão lindas moças,
Manuel, tão lindas são;
Manuel, quero-te muito,
Manuel, do coração;
Manuel, dá-me os teus braços,
Manuel, do coração!

As quadras cantam-se como vai indicado na primeira e na ultima.

CÓRADINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Oh ingrata eu já sei,
Quem logrou os teus carinhos;
Deixa estar que t'o direi,
Quando estivermos sózinhos.

Córadinha, feiticeira
Encanto dos meus amores;
Tua bôcca côr de rosa,
Dá beijinhos matadores!

Que lindo luar que faz,
P'ra ir apanhar maçãs;
Quem me dera de apanhar,
Uma d'aquellas irmãs!

Córadinha, feiticeira, etc.

Fui á sepultura vêr
Os olhos do meu amor;
Achei tudo reduzido,
Terra e cinza sem calor.

Córadinha, feiticeira, etc.

Ámanhã, se Deus quiser,
Domingo, se não chover,
Hei-de ir vêr o meu amor
Se a ribeira não encher.

Córadinha, feiticeira, etc.

Pus-me a chorar saudades
Ao pé da agua corrente;
A agua me respondeu:
O amor não dura sempre.

Córadinha, feiticeira, etc.

O cedro vai para o ar,
Mangerona no pé fica;
Não sei que amor é o teu,
Que tanto me mortifica.

Córadinha, feiticeira, etc.

O meu amor fez-me pobre,
Fez-me andar a pedir;
A todas portas irei,
Só á d'elle não hei-de ir.

Córadinha, feiticeira, etc.

Oh minha mãe, quem me dera
O que a minh'alma deseja:
As portas do céu abertas,
Como estão as da egreja.

Córadinha, feiticeira, etc.

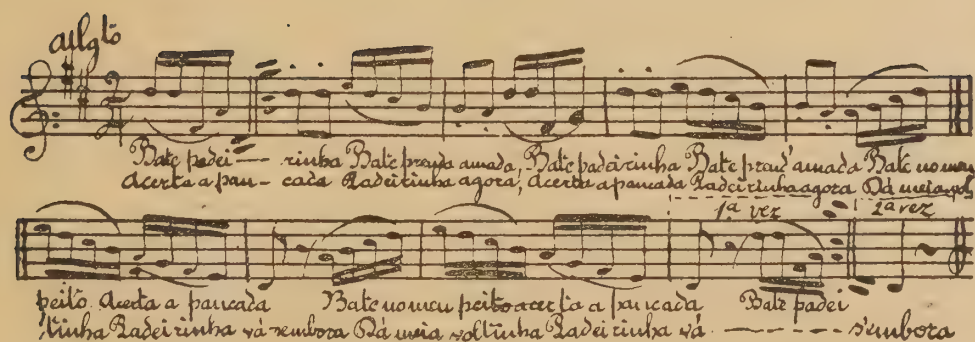
Vai-te embora, vai-te embora
Já tu te tivesses ido!
Se te fôras ha um anno,
Já me tinhas esquecido.

Córadinha, feiticeira, etc.

Menina do lenço preto,
Dos olhos da mesma côr,
Diga a seu pai que a case,
Que serei o seu amor.

Córadinha, feiticeira
Encanto dos meus amores;
Tua bôcca côr de rosa,
Dá beijinhos matadores!

PADEIRINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Se eu soubesse, amor,
O que agora sei,
Nunca te eu amára
Como te eu amei.

Bate padeirinha, } *bis*
Bate prenda amada;
Bate no meu peito, } *bis*
Acerta a pancada.

Acerta a pancada, } *bis*
Padeirinha agora;
Dá meia voltinha } *bis*
Padeirinha, vá-se embora.

Lari-li-ló-léla
Quem bateu, bateu!
Não chores amor
Que aqui estou eu.

Bate padeirinha, etc.

Acerta a pancada, etc.

Andam as mulheres
Enganando o mundo;
Com anneis de prata,
E elles são de chumbo.

Bate padeirinha, etc.

Acerta a pancada, etc.

Torno-te a dizer:
Oh amor, amei-te;
Foi emquanto pude,
Não pude, deixei-te.

Bate padeirinha, etc.

Acerta a pancada, etc.

Minha rica prenda,
Eu hei-de-te amar
De dia ao sol,
De noite ao luar.

Bate padeirinha, etc.

Acerta a pancada, etc.

Não fujas de mim,
Não te vás ainda:
Que eu não posso estar,
Sem ti, cara linda.

Bate padeirinha, etc.

Acerta a pancada, etc.

O meu coração
Chora que arrebenta,
Só em consid'rar,
Que de ti se ausenta.

Bate padeirinha, etc.

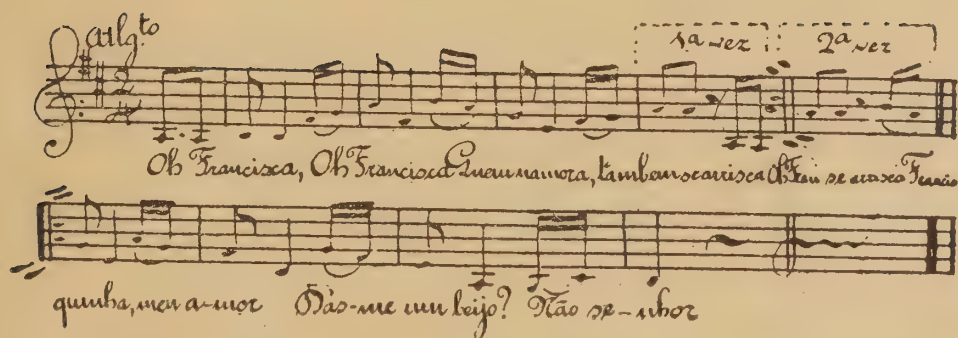
Acerta a pancada, etc.

O meu bem se foi,
Nem adeus me disse;
Nunca tive cousa
Que menos sentisse.

Bate padeirinha, } *bis*
Bate prenda amada; } *bis*
Bate no meu peito, } *bis*
Acerta a pancada. } *bis*

Acerta a pancada, } *bis*
Padeirinha agora; } *bis*
Dá meia voltinha, } *bis*
Padeirinha, vá-se embora. } *bis*

FRANCISCA

(CHOREOGRAPHICA)

Quando passares por mim,
Baixa os olhos p'ra me ver;
Podemos andar de amores,
Sem ninguem o perceber.

Oh Francisca, oh Francisca, } *bis*
Quem namora tambem se arrisca }
Francisquinha, meu amor } *bis*
Dás-me um beijo? Não senhor. }

Deita-me de lá os olhos,
Debaixo d'essa latada;
Indas que meu pai não queira,
Minha palavra está dada.

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Oh viola, toca, toca,
Oh sinos, dobrai, dobrai;
Ainda hei-de ir esta noite,
Roubar uma filha ao pai.

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Lá no monte já cae neve,
Cahiu a flôr ao sargaço;
Não faças conta commigo,
Que eu de ti conta não faço.

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Larangeira tem espinhos,
Não sou cego, bem o vejo;
Se Deus me não levar cedo,
Hei-de cumprir meu desejo.

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Oh José estás citado,
Para a primeira audiencia;
Oh José! não jures falso...
Põe a mão na consciencia!

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Foste dizer mal de mim
Ao rapaz que me namora;
Se d'antes me q'ria bem,
Muito mais me quer agora!

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Juraste-me pelo céu
Que nunca me deixarias;
Agora estou conhecendo,
Dos homens as tyrannias.

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Não sei que quer a desgraça,
Que atrás de mim corre tanto;
Hei-de parar p'ra mostrar-lhe
Que de vê-la não me espanto.

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Eu hei-de-me ir a pedir,
Só á tua porta não;
Não quero que o mundo diga
Que te trago de feição.

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Oh minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, toda me mato,
Não tenho nada de meu!

Oh Francisca, oh Francisca, etc.

Eu hei-de ir ao céu, hei-de ir,
Indas que vá de joelhos;
P'ra buscar um cravo branco
Que'stá entre dois vermelhos.

Oh Francisca, oh Francisca, } *bis*
Quem namora tambem se arrisca }
Francisquinha, meu amor, } *bis*
Dás-me um beijo? Não senhor. }

SEM TI NÃO SOU NINGUEM

(CHOREOGRAPHICA)

Justiça de Deus te caia,
Do ceu te venha o castigo!
Oh meu bem, oh meu bem,
Eu sem ti não sou ninguem!
As portas do ceu não abram
Sem te pores bem commigo!
Oh meu bem, oh meu bem,
Eu sem ti não sou ninguem!

Cada vez que eu vejo
Fita no chapeu,
Lembra-me o amor,
E vou para o ceu,
E vou para o ceu,
De Nosso Senhor,
Não sejas ingrato,
Não sejas traidor!

Ai que elle lá vem, } *bis*
O meu lindo bem! }

Tenho feito um juramento,
Espero de o não quebrar:
Conservar-me solteirinha,
Emquanto me não casar.

C'um canivete doirado,
Cortei o pé á'sucêna;
Amei-te com tanto gôsto,
Deixei-te com tanta pena!

A agua do nosso rio,
Quem na bebe fica ausente;
Bebeu-a o meu amor,
Ausentou-se para sempre.

Eu fui á figueira aos figos
Andei de ramo em ramo;
Fui ao ceu tomar amores,
Que os da terra são engano.

Esta noite ha-de chover
Pelas ruas aos pinguinhos;
Hei-de dar ao meu amor,
Mil abraços e beijinhos.

Não me ponha a mão na cinta
Diga de longe o que quer;
Não perde você que é homem,
Perco eu, que sou mulher.

Oh flores do meu jardim,
Seccai vós, que mando eu;
É bom que não tenha flores,
Quem o seu amor perdeu!

Mariquinhas, se me amas,
Aperta-me a minha mão;
Dá-me os teus braços, meu anjo,
Amor do meu coração.

Tenho feito juramento,
Na folhinha da nabiça,
De não dar a minha mão
A nenhum padre de missa.

Oh que lindo par eu trago,
Á minha banda canhota!
Oh que lindo ramalhete!
Oh que lindo cheiro bota!

Cravo roxo está na tinta,
A tomar do amarello:
Menina, não desconfie,
Que o seu amor não lh'o quero.

Bem sei que fui atrevido,
Em subir a tua escada;
A confiança faz tudo:
Cala-te, não digas nada.

Malva verde que se enleia,
Que se enleia pelo trigo;
Quem me dera ser enleio,
Que eu me enleara comtigo!

Minha rosa encarnada,
Creada perto do choupo;
Se tu não gostas de mim,
Eu de ti gosto pouco!

Oh morena, abre-me a porta,
Que estou c'o pé na geada;
Se tu não me ábre-la porta,
Não és morena nem nada.

Naquella janella alta,
Naquella casa maior,
'Stá um espelho crystallino
Que dá combates ao sol.

Oh meu amor, se tu queres
A tua roupa lavada,
Paga a uma lavadeira,
Que eu não sou tua criada!

Inda agora aqui passou,
Antonínho p'ró estudo:
Cara de neve coalhada,
Olhos de limão maduro.

Mulher que deixa enganar-se,
Oh que sorte tão tyranna!
Quantas vezes ella chora,
Aos pés de quem a engana!

Dormindo sonhei comtigo,
Meu lindo ceu estrellado;
Accordei, achei-me só...
Que sonho tão desgraçado!

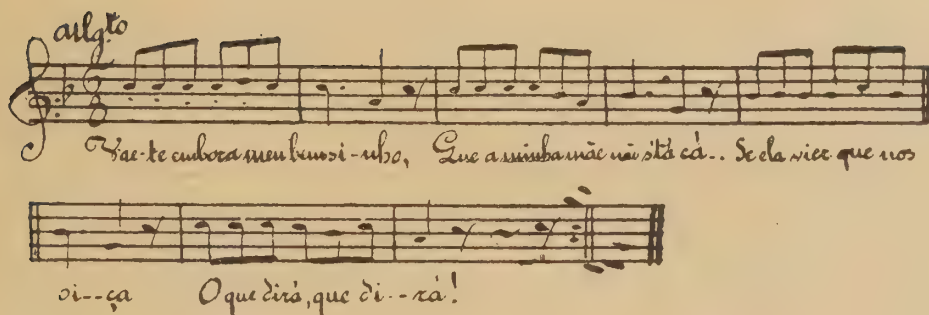
Se eu cantar tam bem soubesse
Como sei fazer cantigas,
Oh meu bem, oh meu bem,
Eu sem ti não sou ninguem!
Fazia chorar as pedras...
Quanto mais as raparigas!
Oh meu bem, oh meu bem,
Eu sem ti não sou ninguem!

Cada vez que eu vejo,
Fita no chapeu;
Lembra-me o amor,
E vou para o ceu,
E vou para o ceu
De nosso Senhor,
Não sejas ingrato,
Não sejas traidor!

Ai que elle lá vem, } *bis*
O meu lindo bem! }

As quadras cantam-se como vae indicado na primeira e na ultima.

VAI-TE EMBORA

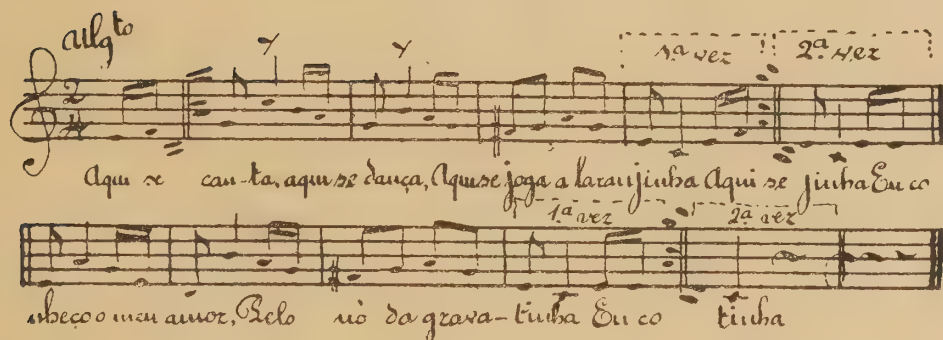
(CHOREOGRAPHICA)

Vae-te embora, meu bemzinho,
Que a minha mãe não está cá,
Se ella vier que nos ouça
O que dirá! que dirá!

O que dirá! que dirá!
Mas que ha-de ella dizer?
— Isto são rapazes novos,
Anda-lhe o sangue a ferver!

Meu bemzinho, vae-te embora
Que a minha mãe não está cá,
Se ella vier, e te vir,
O que dirá! que dirá!

O que dirá, que dirá,
O que-ha-dè ella dizer?
Meu bemzinho vae-te embora
Que não tens cá que fazer!

AO NÓ DA GRAVATINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Se eu domingo fôr á missa,
Não venhas commigo, não;
Nem eu rezo, nem tu rezas...
Não posso dar-te attenção!

Aqui se canta, aqui se dansa, } bis
Aqui se joga a laranjinha,
Eu conheço o meu amor, } bis
Pelo nó da gravatinha.

Minha mãe chamou-me Rosa,
Tinha de ser desgraçada;
Pois não ha nenhuma rosa,
Que não seja desfolhada!

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

Esta noite sonhei eu,
— Oxalá que fosse tal!
Que te estava desatando,
A ponta do avental.

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

Quero ver-te e não te ver,
Quero amar-te e não te amar;
Quero-me encontrar comtigo,
Mas não te quero encontrar.

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

Mal empregada fui eu,
Ferreiro na tua mão:
Era branca, fiz-me preta,
De andar ao pó do carvão.

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

Você diz que não me quer,
E por fim ha-de-me querer;
Tanto dá a agua na pedra
Que a faz embrandecer.

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

Tenho pena de quem pena,
Pena de quem pena tem;
Tenho pena de mim mesmo,
De mim não a tem ninguem!

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

Oh oliveira do adro,
Não faças sombra á egreja;
Que no tempo em que estamos,
Ninguem logra o que deseja!

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

Menina, você não conte,
A sua pena a ninguem;
Uma amiga, tem amiga,
Outra amiga, amiga tem.

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

Da terra sae a videira,
Saem da videira as uvas;
As solteiras são casadas,
E as casadas são viuvas.

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

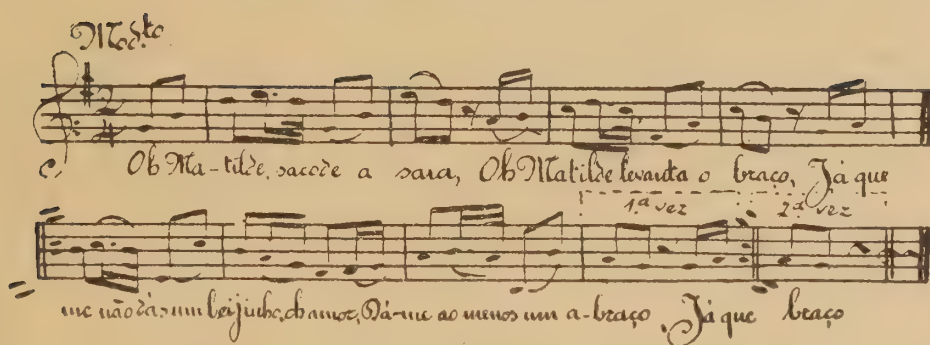
Oh que janella tão alta,
Oh quem lá ha-de subir!
Quem lá tem os seus amores,
Que ha-de fazer senão ir!

Aqui se canta, aqui se dansa, etc.

Menina, dizer finezas,
Só o proprio pretendente;
Porque o amor não se finge,
Só o pinta quem o sente.

Aqui se canta, aqui se dansa, } *bis*
Aqui se joga a laranjinha, }
Eu conheço o meu amor, } *bis*
Pelo nó da gravatinha. }

MATHILDE

(CHOREOGRAPHICA)

Quando olho para o ceu,
A Deus peço paciência;
Que me dê agua nos olhos
Para chorar tua ausencia.

Oh Mathilde, sacode a saia,
Oh Mathilde, levanta o braço,
Já que me não dás um beijinho
Oh amor!
Dá-me ao menos um abraço! } *bis*

Que te importa a minha sáia
Mais o enfeite que ella tem?
Foi ganha c'o meu suor,
Não deve nada a ninguem.

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

Não cortes o cacho verde,
Da videira cerceal;
Não contes os teus segredos
A quem te não fôr leal.

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

Tu mandaste-me esperar,
Ao pé do pinheiro manso;
Esperei-te, não vieste...
Olha amor o teu descanso!

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

Se algum dia te fiz bem,
Sempre mal agradecida;
Por bem fazer, mal haver,
São as pagas d'esta vida.

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

Se ouvires dizer que morri,
Roga por minh'alma a Deus,
Que eu tambem rogo por ti
Se Deus ouvir rogos meus.

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

Oh Rosa, oh linda Rosa,
Raminho d'herva cidreira;
Hei-de-me casar comtigo,
Antes que teu pai não queira;

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

Debaixo d'amendoeira
'Stá o c'ramelo coalhado;
Quem é falso tem ventura,
Quem é firme, é desgraçado.

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

Semeei, não recolhi,
Bem pudera recolher;
Semeei os teus agrados,
Não me quizeram nascer!

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

Dizes que tenho amores,
— Santissimo Sacramento —
Nem os tenho, nem os quero,
Nem me vem ao pensamento.

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

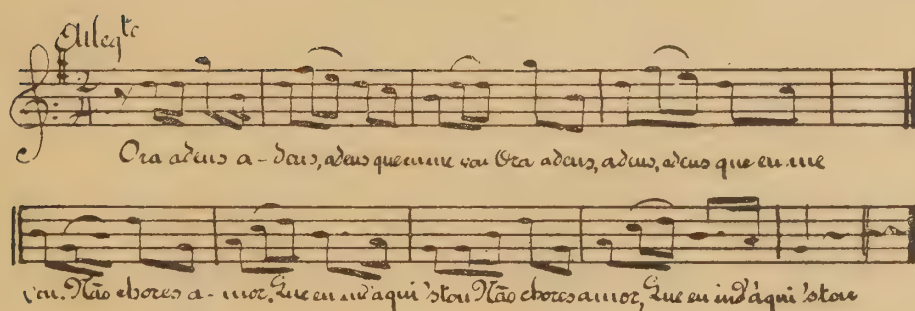
Ó senhora Mariquinhas,
Raminho de bem-querer;
Se o seu cantaro tem agua,
Venha-me dar de beber!

Oh Mathilde, sacode a saia, etc.

Dá-me da pera madura,
Da maçã uma talhada;
Da tua bôcca um beijo...
Da maçã não quero nada!

Oh Mathilde, sacode a saia,
Oh Mathilde, levanta o braço,
Já que me não dás um beijinho
Oh amor!
Dá-me ao menos um abraço } *bis*

ORA ADEUS, ADEUS

(CHOREOGRAPHICA)

O meu bem me disse,
E achei-lhe gracinha:
— 'Stá chegado o tempo
De tu seres minha.

Ora adeus, adeus, } *bis*
Adeus que eu me vou: }
Não chores, amor, } *bis*
Que eu ind'áqui 'stou. }

Ao cimo da praça
Se vende aguardente,
A dez reis o copo
Que regala a gente.

Ora adeus, adeus, etc.

Oh amor, amor,
P'ra qu'é que dissestes,
Que havias de vir,
Se nunca viestes?

Ora adeus, adeus, etc.

Meu bem não tem nada
E eu sou pobrezinha;
A sua riqueza
É igual á minha.

Ora adeus, adeus, etc.

Se eu quisera amores,
Tinha mais de trinta;
Eu tenho só um,
'Stou na minha quinta.

Ora adeus, adeus, etc.

Já tocam os sinos
Lá na freguesia;
Vão os namorados
Á missa do dia.

Ora adeus, adeus, etc.

Toma lá, amor,
Toma lá limão,
Colhido de noite
Pela fresquidão.

Ora adeus, adeus, etc.

Sabe bem o vinho
Por copo de prata,
Não posso q'rer bem
A quem me maltrata.

Ora adeus, adeus, etc.

O meu coração
Ao ver-te se abriu;
Tornou-se a fechar
Quando te não viu.

Ora adeus, adeus, etc.

Por mais que tu queiras
Não foges decerto;
Entra no meu peito
Que é um ceu aberto.

Ora adeus, adeus, etc.

Amoras maduras,
Só ha na amoreira;
Só quero no mundo
O que o meu bem queira!

Ora adeus, adeus, etc.

O meu bem me disse:
— Oh linda Maria,
Essa tua cara
É a luz do dia.

Ora adeus, adeus,
Adeus que eu me vou: } *bis*
Não chores, amor,
Que eu ind'áqui 'stou. } *bis*

CARINHOSA

(CHOREOGRAPHICA)

Os olhos do meu amor,
São delicados em tudo:
Pretos como uma amora,
Macios como velludo.

Carinhosa, minha carinhosa,
Comtigo me abraçarei:
Oh cara de neve,
Oh flor da rosa!

Só n'este mundo
Se passam fadigas...
Parece que está jogando,
Commigo as escondidas!

Tanto dedal, tanto annel,
Tanto agulheiro de prata;
Tanto asno pelo mundo,
E a palha sem'star barata!

Carinhosa, minha carinhosa, etc.

Só n'este mundo, etc.

Ha silvas que dão amóras,
Ha outras que não as dão;
Tambem ha amores firmes,
E ha outros que o não são.

Carinhosa, minha carinhosa, etc.

Só n'este mundo, etc.

Da janella de meu pai,
Vejo eu a do meu sogro;
Não é pelo pai que eu choro,
E pelo filho que eu morro.

Carinhosa, minha carinhosa, etc.

Só n'este mundo, etc.

Menina por ser bonita,
Não cuide que mais merece;
Quanto mais linda é a rosa,
Mais depressa desvanece.

Carinhosa, minha carinhosa, etc.

Só n'este mundo, etc.

Maria, linda Maria,
Só tu és o meu amor;
Só tu entras no meu peito,
Se tua vontade fôr.

Carinhosa, minha carinhosa, etc.

Só n'este mundo, etc.

Tenho um ninho de pantufos,
No quintal da minha avó;
Morreram os pantufinhos,
Ficou a pantufa só.

Carinhosa, minha carinhosa, etc.

Só n'este mundo, etc.

As telhas do teu telhado
São vermelhas, tem virtude;
Passei por ellas doente,
Logo me deram saude.

Carinhosa, minha carinhosa,
Comtigo me abraçarei ;
Oh cara de neve,
Oh flor da rosa!

Só n'este mundo
Se passam fadigas...
Parece que está jogando,
Commigo as escondidas!

CAVALLEIRO DA FITA AMARELLA

(CHOREOGRAPHICA)

Já cortei o meu cabello,
Já lá vai a minha gala;
A culpa tive-a eu...
Deixasse fallar quem falla!

Cavalleiro da fita amarella, } *bis*
Casada, solteira, bonita donzella. }

Quem te amava já morreu, } *bis*
Quem te adora agora sou eu! }

Não ha cousa que mais cheire
Do que a flôr da alfazema;
Não ha gosto neste mundo,
Que não venha a dar em pena!

Cavalleiro da fita amarella, etc.

Quem te amava já morreu, etc.

Déste-me alecrim por prenda,
Por ter a folha miuda;
Quiseste-me exp'rimentar...
Meu coração não se muda!

Cavalleiro da fita amarella, etc.

Quem te amava já morreu, etc.

Todo o homem que se casa,
Com mulher que não trabalha,
Deve ter arca de brôa,
Grande palheiro de palha.

Cavalleiro da fita amarella, etc.

Quem te amava já morreu, etc.

Ó acipreste do adro,
Não assombres a igreja,
Pois bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja.

Cavalleiro da fita amarella, etc.

Quem te amava já morreu, etc.

Déste-me a comer alface,
Logo me déste verdura;
Logo o meu coração disse:
— Es amor de pouca dura!

Cavalleiro da fita amarella, etc.

Quem te amava já morreu, etc.

Lá vai uma, lá vão duas,
Lá vão tres, pela primeira;
Lá vai o meu coração
Em busca de quem o queira.

Cavalleiro da fita amarella, etc.

Quem te amava já morreu, etc.

O alecrim d'esta terra
Não é egual ao da minha;
O d'ella tem folha larga,
Esta tem-na meudinha.

Cavalleiro da fita amarella, etc.

Quem te amava já morreu, etc.

Quem quiser que eu cante bem,
Dê-me vinho ou dinheiro;
Que esta minha gargantinha,
Não na fez nenhum ferreiro.

Cavalleiro da fita amarella, etc.

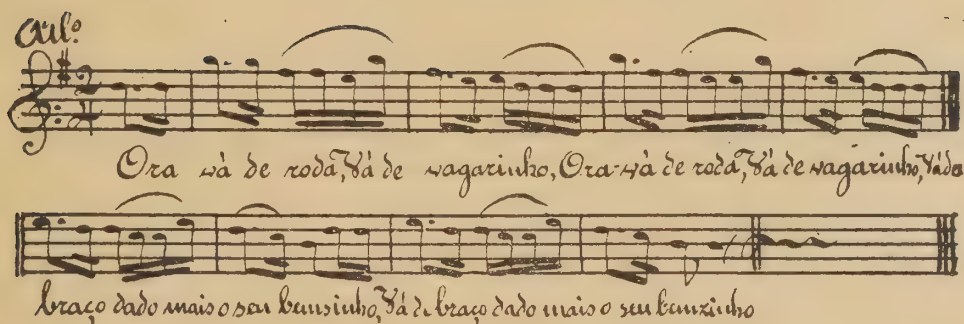
Quem te amava já morreu, etc.

Trago na minha algibeira
Um canivete doirado,
Para partir bolo dôce
No dia do teu noivado.

Cavalleiro da fita amarella,
Casada, solteira, bonita donzella. } *bis*

Quem te amava já morreu,
Quem te adora agora sou eu! } *bis*

ORA VÁ DE RODA

(CHOREOGRAPHICA)

Não te vas embora,
Minha linda rosa,
Que essa tua ausencia
É muito custosa.

Ora vá de roda, } *bis*
Vá de vagarinho }
Vá de braço dado } *bis*
Mais o seu bemzinho. }

Só agora vi
Que te não lograva;
Se o sei ha mais tempo
Logo te deixava.

Ora vă de roda, etc.

Ha já muito tempo,
Que ando por fóra;
Quem me dera ver
O meu bem agora!

Ora vá de roda, etc.

Já que não o fizeste,
Sou eu quem te escreve;
Tenho a carta feita,
Não ha quem m'a leve!

Ora vá de roda, etc.

Ninguem saberá,
Da minha paixão;
Triste morrerei,
Nesta solidão.

Ora vá de roda, etc.

Não te peço nada,
Que não possa ser;
Quando aqui passares,
Que me venhas ver!

Ora vá de roda, etc.

Ai lari-ló-léla,
Salsa verde aos molhos;
Quem me dera ver,
Os teus lindos olhos.

Ora vá de roda, etc.

Já lá vem o v'rão,
Já se ceifa o trigo:
O que eu não daria
P'ra viver comtigo!

Ora vá de roda, etc.

O meu bem me disse:
— Anda cá amor,
Só te quero a ti,
Minha linda flôr!

Ora vá de roda, etc.

O que eu neste mundo,
Desejava ter,
Era amores comtigo,
Sem ninguem saber.

Ora vá de roda, etc.

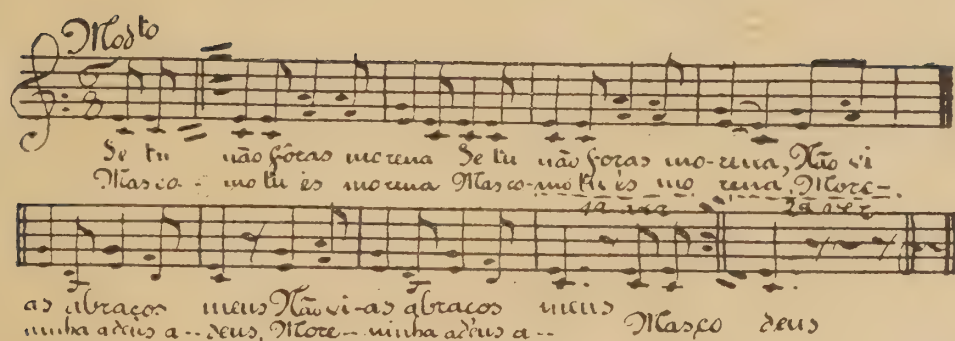
Só quero chorar
De noite e de dia;
Meu amor deixou-me
Fugiu-me a alegria.

Ora vá de roda, etc.

Oh meu amorzinho
Fazemol-as pazes,
Mas p'ra outra vez
Vê lá o que fazes.

Ora vá de roda, } *bis*
Vá de vagarinho }
Vá de braço dado } *bis*
Mais o seu bemzinho. }

MORENA

(CHOREOGRAPHICA)

A pedra caiu na agua,
E logo se encheu de flôres; } *bis*
Agora posso dizer
Que a beber tomei amores. } *bis*

Se tu não foras morena,
Não viras braços meus: } *bis*
Mas como tu és morena,
Moreninha, adeus, adeus! } *bis*

Oh menina lá lhe fica
O sol posto no quintal;
É bom que todos a busquem
Onde o sol a vai buscar.

Se tu não foras morena, etc.

Lá dentro d'aquelle tanque
Salta a cobra, nada o peixe;
Emquanto o mundo fôr mundo,
Não temas tu que eu te deixe.

Se tu não foras morena, etc.

Mariquinhas, tu bem sabes,
Quem namora, aperta a mão;
Sempre foste, e has-de ser,
Amor do meu coração.

Se tu não foras morena, etc.

Meu amor está doente,
Numa caminha de flôres;
Nosso Senhor o melhore,
E lhe acabe aquellas dores.

Se tu não foras morena, etc.

Adeus, meu amor, adeus,
Até quarta ou quinta feira;
Não posso estar sem te vêr
Uma semana inteira.

Se tu não foras morena, etc.

Os olhos do meu amor
São delicados em tudo;
Pretos como uma amora,
Macios como o veludo.

Se tu não foras morena, etc.

Junqueiro perto do mato
É sinal de fonte haver;
De todos já me esqueci,
Só de ti não póde ser!

Se tu não foras morena, etc.

De noite tudo são sombras,
Eu nellas te hei-de fallar,
Já que de dia não posso
Fallas tuas alcançar.

Se tu não foras morena, etc.

Fui ao jardim passear,
Occultar a minha pena:
Encontrei o teu retrato
Na mais formosa sucêna.

Se tu não foras morena, etc.

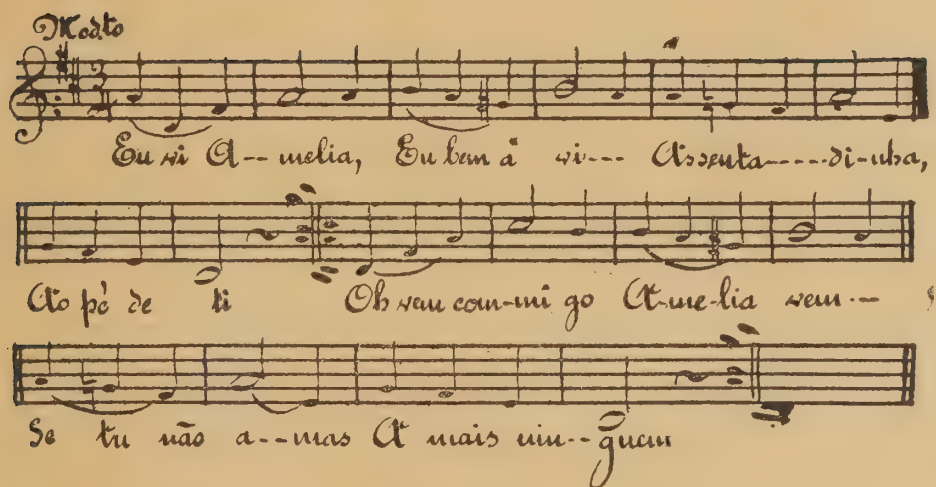
Oh acipreste do valle,
Retiro da solidão:
Quem não quer que o mundo falle,
Não lhe dê occasião.

Se tu não foras morena, etc.

Oh amor da minha alma,
Quanto tenho te darei;
Darei-te a luz dos meus olhos,
Cega por ti ficarei.

Se tu não foras morena, etc.

Isto agora é que vai bem,
Já me cá vai agradando;
'Stava tão empenhadinha,
Já me vou desempenhando.

Se tu não foras morena, } *bis*
Não viras abraços meus:
Mas como tu és morena, } *bis*
Moreninha, adeus, adeus!

As quadras cantam-se como vae indicado na primeira e na tulima.

AMELIA

(CHOREOGRAPHICA)

Eu vi Amelia,
Eu bem a vi
Assentadinha
Ao pé de ti.

Oh vem commigo,
Amelia vem;
Se tu não amas
A mais ninguem!

Eu vi Amelia
Lá em Coimbra,
Tão pequenina,
Era tão linda.

Oh vem commigo, etc.

Eu vi Amelia
Lá em Lisboa,
Tão pequenina,
Era tão boa.

Oh vem commigo, etc.

Eu vi Amelia,
Lá em Cascaes,
Tão pequenina,
Já dava ais.

Oh vem commigo, etc.

Eu vi Amelia
No campo só,
Tão pequenina,
Mettia dó.

Oh vem commigo, etc.

Eu vi Amelia
No arvoredo,
Tão pequenina,
Não tinha medo!

Oh vem commigo
Amelia vem,
Se tu não amas
A mais ninguem!

GALDIR E GALDAR

Mariquitas, tão bella mocita,
Quer usted valsar?
Passareis ao meu logar
Galdir e galdar!
Não ha maior prazer
Do que é de te amar!

TOMA LÁ AMOR

(CHOREOGRAPHICA)

Muito chorei eu
No domingo á tarde: } *bis*
Aqui stá meu lenço } *tris*
Que diga a verdade.

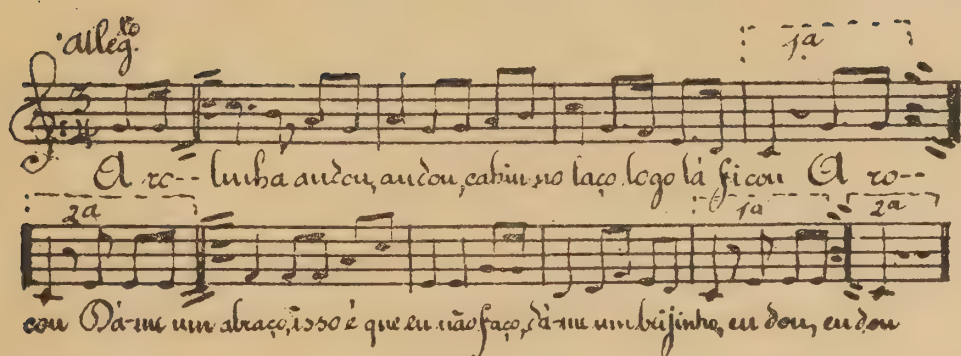
Que diga a verdade
Oh sim, sim, mais nada não! } *bis*
Toma lá amor } *tris*
O meu coração!

O meu bem me disse
Que lhe dê um beijo: } *bis*
Aqui tem meu rosto } *tris*
Cumpra o seu desejo.

Se eu quisera amores, } *bis*
Mais de cem eu tinha :
Fico assim melhor { *tris*
Que estou solteirinha.

Laranja da China } *bis*
A mesa do Rei
Vem cá pr'a meus braços { *tris*
Que eu te abraçarei.

A ROLINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Mal haja quem inventou
Andarem no mar navios:
Porque foi o causador
Dos meus olhos serem rios.

A rolinha
Andou, andou,
Cahiu no laço
Logo lá ficou!

Dá-me um abraço
— Isso é que eu não faço,
Dá-me um beijinho
— Eu dou, eu dou!

A perdis anda no monte
E o perdigão no vallado:
Diga-me oh minha menina
Quem é o seu namorado.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Manuel, olhos azuis
Dentes de perolas finas:
Não sei que tu me fizestes
Que tanto me desatinas.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Escuta, se queres ouvir,
O que diz meu coração:
Em tempo gostei de ti,
Agora não gosto não.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Tenho no meu coração
Um lugar para te dár:
Embora de mim ausente
Nunca t'o hei-de negar.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Antes que teu pai te case
Não se acaba o bem querer:
Casarás, serás viuva
Voltarás ao meu poder.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Deste-me alecrim por prenda,
Por ter a folha meuda:
Quiseste-me experimentar,
Amor firme não se muda.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Cantigas ao desafio
Comigo ninguem as cante:
Que eu tenho quem m'as ensine
O meu amor é estudante.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

O meu amor é José
Na boca das badaleiras:
Namora, José namora,
Façamo-las verdadeiras.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

O çedro por ser humilde
Para o chão virou as guias:
Por tu seres o meu amor
Venho-te dar os bons dias.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Inda não me arrependi
De pôr a rosa no tanque:
Com a frescura da agua
Cada vez 'stá mais galante.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Fostes dizer ao meu pai,
Que eu namorava bem:
Tambem o meu pai em tempo
Namorou a minha mãe.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Adeus minha terra adeus
Adeus meu pai, minha mãe;
Eu cá vou p'rá terra alheia
Queira Deus que me dê bem.

A rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Se passares á minha porta
Escarra e bate no chão,
Como não vou á janella
Não sei se passas se não.

A Rolinha, etc.

Dá-me um abraço, etc.

Vou-me embora, vou-me embora
Vou-me embora, já me vou:
Vou-me embora, porque quero
Que a mim ninguem me mandou.

A rolinha
Andou, andou,
Cahiu no laço
Logo lá ficou.

Dá-me um abraço,
— Isso é que eu não faço!
Dá-me um beijinho
— Eu dou eu dou!

DANÇAREI?

(CHOREOGRAPHICA)

Fui á fonte beber agua
A minha sêde matei:
Para ver teus lindos olhos, } *bis*
Inda outra vez lá irei.

Dançarei?
Não dançará...
Eu gosto de ti,
Amor, anda cá!

Deixaste-me sem razão
Breve por mim chamarás:
Quando não tiver remédio, | *bis*
Então te arrependerás!

Dançarei? etc.

Oh meu amor, não navegues
Pelo mar que não tem fundo,
O mar é como as mulheres | *bis*
São falsas a todo o mundo.

Dançarei? etc.

Hei-de amar-te até á morte
Corra o p'rigo que correr
Se me deres o teu amor, | *bis*
Já não me importa morrer.

Dançarei? etc.

Quando disse que te amava
Podias bem responder:
Vai bater a outra porta, | *bis*
Que eu tua não posso ser.

Dançarei? etc.

Já o sol mudou de rumo
Já não nasce onde nascia,
Já tambem mudou de amores { *bis*
Quem de amor por ti morria.

Dançarei? etc.

Hei-de ir ámanhã á missa,
Ha muito que lá não vou:
Já me parece loucura { *bis*
Amar a quem me deixou.

Dançarei? etc.

Foge de mim, vai-te embora,
Já não quero nada teu,
Foste repartir com outra { *bis*
Coração que era só meu.

Dançarei? etc.

Em tempos que já lá vão
O meu regalo era ver-te,
Agora pouco me importa { *bis*
Ganhar-te como perder-te

Dançarei? etc.

Nem toda a arvore dá fruto,
Nem toda a planta dá flôr:
Nem toda a mulher bonita | *bis*
É fiel ao seu amor.

Dançarei? etc.

Viva quem anda na dança
Mais quem de fóra está vendo:
Viva aquella por quem morro | *bis*
Que disso não me arrependo

Dançarei? etc.

Não sei porque dura ainda
O amor em que me abraso:
De que serve suspirar | *bis*
Por quem de mim não faz caso?

Dançarei? etc.

Não me arrependo de amar
De te dar a minha vida:
Mas custa-me ser fiel | *bis*
E tam mal correspondida.

Dançarei? etc.

Que importa que o pai não queira
Se tenho a tenção formada?
Nada pode separar-me { *bis*
Dos braços da minha amada.

Dançarei? etc.

Já vi o teu lindo rosto,
Já matei minha saudade:
Muito custa estar ausente { *bis*
A quem ama com verdade.

Dançarei? etc.

Dei um ai com sentimento
Abalaram-se as montanhas:
O meu coração não pode { *bis*
Sofrer ausencias tamanhas.

Dançarei? etc.

Não ha coisa que mais cheire
Do que a larangeira em flor:
Não ha coisa que mais custe { *bis*
Que estar ausente do amor.

Dançarei? etc.

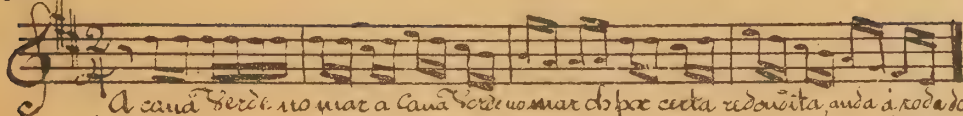
Oh rôla que vais voando
A fugir do gavião:
Tambem a fugir do amor { *bis*
Tem ido o meu coração.

Dançarei? etc.

Quem me dera saber ler,
Era bom que eu aprendesse:
Pois agora lia as cartas { *bis*
Que o meu amor me escrevesse.

Dançarei?
Não dançará...
Eu gosto de ti
Amor, anda cá!

CANA VERDE

(CHOREOGRAPHICA)

A cana verde no mar,
A cana verde no mar
        Oh por certa redondita
Anda á roda do vapor
        Oh vira-te agora
Anda á roda do vapor
        Ora agora, agora
Anda á roda do vapor.

Inda está para nascer,
Inda está para nascer
        Oh por certa redondita
Quem ha-de ser meu amor!
        Oh vira-te agora
Quem ha-de ser meu amor
        Ora agora, agora
Quem ha-de ser meu amor!

Quem vai procurar remedio
Á botica dos amores,
Sente agravar o seu mal,
Sente mais vivas as dores.

Lindos olhos tens, Maria,
Lindos olhos Deus te deu,
Olhos azuis côr do mar,
Olhos azuis côr do Céo.

O meu amor foi-se embora,
Não me deixou que comer:
Deixou-me só duas fontes
Dos meus olhos a correr.

Nunca vi figueira alguma
Dar os figos na raiz:
Nunca vi rapaz solteiro
Ser constante no que diz.

O meu amor ama duas
Eu não me meto na conta:
Podes amar quem quiseres,
Que não me fazes afronta.

As telhas do teu telhado
Deitam agua sem chover:
Trocás-te-me a mim por outro
Inda te has-de arrepender.

Raparigas gosem, gosem,
Não se queiram captivar:
Que estes rapazes d'agora
Não as sabem estimar.

Entrei no reino do céo
Sem me ter levado a morte:
O beijo que tu me destes
Serviu-me de passaporte.

Coitado do malmequer
Que não fez mal a ninguem:
Todos o vão desfolhar
Para ver quem lhes quer bem.

Não sou pedra valadia,
Nem parede mal assente:
Onde puser os meus olhos,
Hei-de pô-los para sempre.

Para que quero os meus olhos
Senhora Santa Luzia,
Se elles não vêem quem amo
A toda a hora do dia?

Quem tem amores na terra
Pode rir, pode cantar:
Triste de mim que os não tenho,
Passo a vida a suspirar.

Hortelã subiu ao muro,
Em baixo ficou a salsa:
Antes uma feia firme,
De que uma bonita falsa.

As ondas do mar são verdes,
Na terra tudo é verdura:
Todos logram seus amores,
Só eu não tenho ventura.

A silva que me prendeu,
Móra naquelle vallado:
Nunca porta se fechou
Com tam forte cadeado.

Muito brilha o limão verde,
Quando está no limoeiro:
Não ha fruta como elle,
Nem amor, como o primeiro.

Nunca vi tam lindo nome
Como é o de Maria:
Quem quer bem trata por tu,
Amor não quer senhoria.

Não ha fruta mais gostosa
Do que a pera baguim:
Todas as penas acabam
Só as minhas não tem fim.

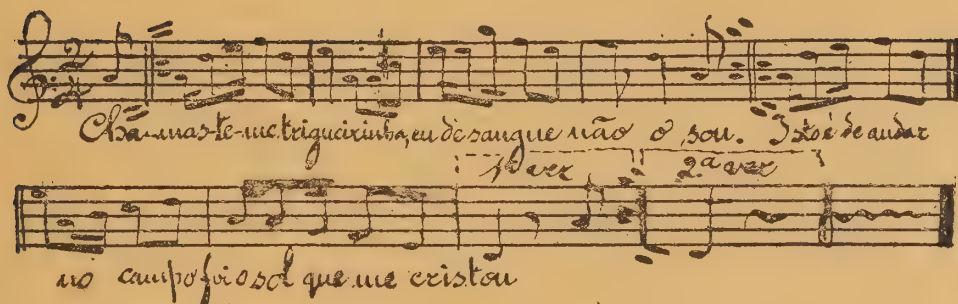
Aqui neste canto canto,
Aqui neste recantinho,
Aqui nesta casa mora
Quem é o meu amorzinho.

Algum dia era eu
Amor do teu coração,
Agora sou a vassoura
Com que tu varres o chão.

Fui despedir-me do rio,
Das pedrinhas de lavar:
Só de ti meu lindo amor,
Eu não me posso apartar.

Todas as quadras se cantam como vai indicado na primeira.

TRIGUEIRINHA

(CHOREOGRAPHICA)

Chamaste-me trigueirinha,
Eu de sangue não o sou,
Isto é de andar no campo,
Foi o sol que me crestou.

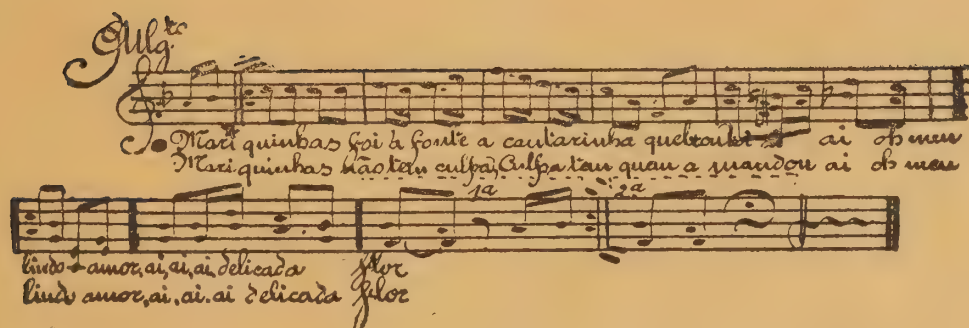
Chamaste-me trigueirinha,
Eu sou da côr da cereja:
Quem repara no meu rosto
A minha côr me deseja.

Chamaste-me trigueirinha,
Por isso não me zanguei:
Trigueirinha é a pimenta
E vai á mesa do rei.

Chamaste-me trigueirinha,
Isto é de andar ao sol:
Toda a fruta que é sombria
Esta não é da melhor.

Chamaste-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira:
Tu me verás no domingo
Como a rosa na roseira.

MARIQUINHAS

(CHOREOGRAPHICA)

Mariquinhas foi á fonte,
A cantarinha quebrou
Ai, ai, ai, oh meu lindo amor
Ai, ai, ai, delicada flôr
Mariquinhas não tem culpa,
Culpa tem quem a mandou
Ai, ai, ai, oh meu lindo amor,
Ai, ai, ai, delicada flôr!

Mariquinhas foi á fonte,
Á fonte dos Carvalhaes
ai, ai, ai, etc.
A mana ficou em casa
Dando suspiros e ais.
ai, ai, ai, etc.

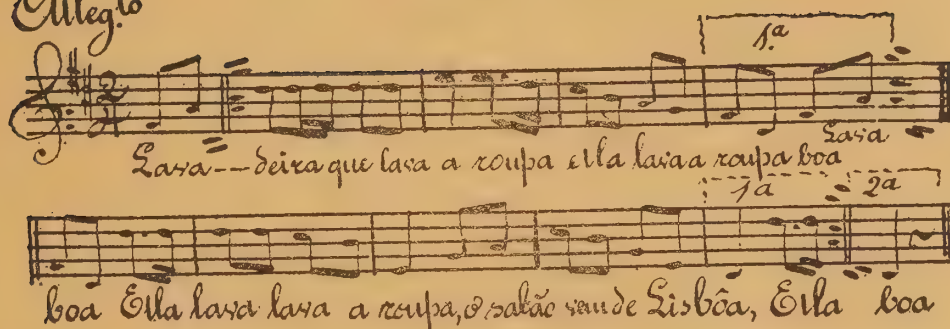
Os olhos da Mariquinhas
São bonitos na verdade
Ai, ai ai, etc.,
Não são azuis nem castanhos
São muito á minha vontade.
Ai, ai, ai, etc.

Os olhos da Mariquinhas
São a minha perdição
Ai, ai, ai, etc.
Não são azuis nem castanhos
São negros como o carvão
Ai, ai, ai, etc.

Mariquinhas teu pai deu-te
Que te pudera matar:
Ai, ai, ai, etc.
Tinha-lhe o caldinho feito,
A loicinha por lavar.
Ai, ai, ai, etc.

Onde vais ó Mariquinhas,
Onde vais com tal andar?
Ai, ai, ai, etc.
Vou a casa da Madrinha,
Vou buscar o meu folar.
Ai, ai, ai, etc.

LAVADEIRA

(COREOGRAPHICA)

Dos meus olhos nasce um rio
Que ao teu coração vai dar:
Ás aguas do mar salgado
Todo o rio vai parar.

Lavadeira que lava a roupa
Ella lava a roupa bôa
Ella lava, lava a roupa,
O sabão vem de Lisboa.

Quem ama sem ser amado,
Que triste vida não tem:
É ter pão, morrendo á fome,
É ser filho e não ter mãe!

Lavadeira que lava a roupa
Ella lava a roupa bella:
Ella lava, lava a roupa,
O sabão vem de Castella.

Não me manda o meu amor
Senão saudades e ais:
Penas tenho eu com fartura
Saudades tenho eu demais.

Lavadeira que lava a roupa,
Ella lava a roupa linda:
Ella lava, lava a roupa,
O sabão vem de Coimbra.

Amores, amores quem os tem
Que os tire do pensamento:
Só é firme o amor de mãe,
Os outros leva-os o vento.

Lavadeira que lava a roupa
Vai lavá-la na Ribeira,
Ella lava, lava a roupa,
O sabão vem da Figueira.

O dia tem duas horas,
Duas horas não tem mais:
A uma é quando vos vejo,
Outra quando me lembrais.

Lavadeira que lava a roupa
Vai lavá-la na levada:
E vai pôr-se a namorar
Depois da roupa lavada.

Não quer o sol que o céu ande
Ás escuras um momento:
Morre o sol, mas deixa ao céu
O luar em testamento.

Lavadeira que lava a roupa,
Ella lava a roupa bem:
A roupa é de Jesus,
O sabão vem de Belem.

CANTIGAS LOCAES

Virgem Senhora das Preces (1)
Vinde-me esperar no rio,
Que eu sou rapariga nova,
Posso ter algum desvio.

Virgem Senhora das Preces
Que me ha-de dar um dote:
Se m'o ha-de dar em vida
Dê-m'o á hora da morte.

Virgem Senhora das Preces
Inda lá hei-de voltar,
Que me esqueceram as contas
Em cima do seu altar.

Virgem Senhora das Preces
A quem dou a carta a ler:
Não ha coisa neste mundo
Que não se venha a saber.

---

(1) Capella perto da Villa de Avô.

Adeus terra de Mangualde,
Adeus casa de meu pai,
Onde eu me adevertia...
— Esse tempo já lá vai!

Não ha flor como o suspiro,
Nem terra como a de areia,
Nem villa como Mangualde,
Nem moças como as da aldeia!

A Senhora do Castello (1)
Tem uma capa bordada:
Quem me dera assim ter uma
Para dar á minha amada.

Divino Senhor da Serra (2)
Vinde abaixo á ladeira,
Vinde buscar a mortalha
Que eu já tive á cabeceira.

Divino Senhor da Serra,
Divino imperador:
Imparai a minha alma
Quando eu do mundo fôr.

---

(1) Egreja perto de Mangualde.

(2) Capella junto a Semide, no alto da Serra onde todos os annos em Agosto se faz uma romaria extraordináriamente concorrida. A capella foi reedificada ha poucos annos.

Venho do Senhor da Serra
Mais valente que cançada:
Se tivesse companhia
Inda para lá voltava.

Divino Senhor da Serra,
Divino Senhor sejais:
Não tenho nada de meu,
Vós, Senhor, tudo me dais.

Ao Senhor da Serra vai
Gente de toda a nação:
Ninguem lá vai que não chore,
Da raiz do coração.

Ao Senhor da Serra vai
Gente de toda a comarca:
Ninguem lá vai que não chore,
Quando do Senhor se aparta.

Divino Senhor da Serra,
Mandai Agosto mais cedo,
Que eu quero ir passear
Aos areaes do Mondego.

Divino Senhor da Serra
Que dais aos vossos romeiros?
Dou-lhe agua da minha fonte,
Sombra dos meus castanheiros.

Fostes ao Senhor da Serra,
Nem um anel me trouxeste:
Nem os moiros da moirama
Fazem o que tu fizestes!

Rapazes e raparigas
Vamos ao Senhor da Serra,
Tem lá uma bella fonte,
Quem tem sêde beba nella.

Se fores ao Senhor da Serra
Leva contas de rezar,
Que é lá o purgatório
Onde as almas vão penar.

Na egreja de Semide,
Eu ouvi pregar um padre:
Dos homens um cento é um
Que ás mulheres falam verdade.

Não me lembrava Coimbra,
Nem que tal cidade havia:
Agora nunca me esquece,
Nem de noite nem dia.

Das terras que tenho visto
É Coimbra a mais alegre:
Diga-me oh minha menina,
Porque razão não me escreve?

Atirei c'uma laranja
De Santa Clara ao Caes (1)
Para ver se me esquecias...
Cada vez me lembras mais!

O melhor que tem Coimbra
É S. Francisco da Ponte:
A melhor coisa que eu tenho
É o amor ali defronte.

Estudantes de Coimbra
Moram por baixo da ponte:
Por causa das raparigas
Muito sapato se rompe...

---

(1) Coimbra.

Coimbra, nobre cidade
Onde se formam doutôres,
Tambem já lá se formaram
Os meus primeiros amores.

Coimbra, nobre cidade
Onde se vai a perguntas,
É de lá que hei-de trazer
Sete raparigas juntas.

Oh Coimbra, oh Coimbra,
Que fazes aos estudantes?
Vem de casa uns santinhos
Vão de lá feitos tratantes.

Oh Coimbra, oh Coimbra,
Arrasada sejas tu,
Com assucênas e rosas...
Não te quero mal nenhum!

O meu amor é estudante
Em Coimbra, mas não sei,
Ha pouco falei com elle
Inda não lh'o perguntei.

De Coimbra me mandaram
Quatro pêras num raminho:
Quem me dera agora ver
Quem fez o ramalhetinho.

Oh minha mãe não me mande
A Coimbra vender pão,
Que lá vem os estudantes:
Padeirinha é de feição!

No Colegio de Coimbra
Para te amar aprendi:
Com *pena* de te não ver
Uma carta te escrevi.

Adeus ponte de Coimbra,
Aguas claras do Mondego:
Diga-me oh minha menina
Se quem ama tem socego?

Adeus ó Rua Direita (1),
Rua Direita aos Loyos:
Ao cimo daquella rua
Namorei esses teus olhos.

---

(1) Coimbra.

A cidade de Coimbra
Em Portugal não ha outra:
Passam as barcas por baixo
Duma ponte para outra.

Nunca eu fora a Coimbra,
Nem passára por Samsão, (1)
Para ver esses teus olhos
Que tanta pena me dão.

Se Coimbra fosse minha
Como eu tenho na vontade,
Fazia della palheiro,
Da minha terra cidade.

Se Coimbra fosse minha,
Como é dos estudantes,
Mandava-a logo cercar
De vasos de diamantes.

Não me fales em Coimbra
Que são penas que me dais,
Tenho lá os meus amores,
Não quero m'os lembres mais!

---

(1) Coimbra.

Os areaes de Coimbra
Semeados que darão?
Darão meninas bonitas
Para a minha perdição.

Já o sol dá na Calçada (1)
Tambem dá em Santa Cruz, (1)
Tambem dá nesse teu peito
Emilinha de Jesus.

Egreja de Santa Cruz
Feita de pedra morena,
Dentro della ouvem missa
Uns olhos que me dão pena.

Oh ribeira de Coselhas (1)
Quando eu te passeava
Tinha olhos e não via,
A cegueira em que andava.

Fui á fonte do Cidral (1)
Encher o meu cantarinho,
Minha sogra me ajudou
E mais o meu amorzinho.

---

(1) Coimbra.

Adeus, adeus oh Coimbra,
Pedras finas de alto preço;
Do ceu venha quem te logra,
Já que eu não te mereço!

Adeus, oh Caes das Ameias (1)
Com teu lindo arvoredo;
De dia gosto de ti,
De noite tenho-te medo.

Adeus Caes do Cerieiro (1)
Onde param os serranos,
Fiz bem mal em ser fiel
P'ra sofrer os teus enganos.

Coimbra, nobre cidade,
Bem te podes chamar côrte,
Que tens a Rainha Santa
Da banda de lá da ponte.

Adeus, adeus oh Coimbra
Toda alumiada a gaz,
Adeus quartel da Sofia, (1)
Onde eu tenho o meu rapaz.

---

(1) Coimbra.

No caminho de Coimbra
Fui que eu ouvi dizer
Que tinhas outros amores,
Fiquei capaz de morrer.

Oh cidade de Coimbra
Não te esqueço nem uma hora:
Nunca me lembra a cidade
Mas meu amor que lá móra.

Quando se chega á Figueira
Sente-se logo alegria;
Nunca se esquece a Figueira
Nem de noite nem de dia.

Vou este anno á Figueira
Este anno á praia vou;
Quando chegar quero ver,
Onde o meu amor ficou.

Tavarede, limão verde,
Buarcos, panella velha,
Figueira, barquinho doiro,
Onde o meu amor navega. (1)

(1) Figueira da Foz.

Não sei que terra é Figueira
Que tam nomeada é:
Figueira que não dá figos
É melhor torcer-lhe o pé.

Em Tavarede me deram
Um cravo p'ró meu colete;
Na Figueira uma rosa,
Em Lavos um ramalhete.

As meninas da Figueira
O seu dote é uma cesta,
Andam de porta em porta:
Quem merca a sardinha fresca!

As meninas da Figueira
São finas como o arame:
Não ha dinheiro que as pague,
Nem rapaz que as engane.

Oh meninas da Figueira
Acudam ao Cabedello:
Deu á costa um navio
Com enfeites p'ró cabello.

Tudo que no mar embarca
Á Figueira chega bem,
Tudo vai e torna a vir,
Só o meu amor não vem!

Sahi pela barra fora
Agarrado a uma argola;
Parti hontem da Figueira,
Já hoje cheguei a Angola.

Oh Buarcos, oh Buarcos,
Senhora da Encarnação, (1)
O retrato da Senhora
Trago eu no coração.

Senhora da Encarnação
Tem um rebate de vidro,
Que lhe deu um marinheiro
Que andava no mar perdido.

De Buarcos á Figueira,
Senhora da Encarnação,
Lá vem o meu amorzinho
Naquella embarcação.

---

(1) Figueira da Foz.

No meio daquelle mar
Cheirava que rescendia;
Era o manto da Senhora,
Que um marinheiro trazia.

Lá no mar canta a sereia,
Senhora da Encarnação,
Livrae della o meu amor,
Dai-lhe a Vossa protecção.

Senhora da Encarnação
Tem uma toalha de renda,
Veio de Villa do Conde
E foi feita de encomenda.

O S. João da Figueira
Escreveu ao de Leiria,
Que lhe mandasse dizer
Quando era o seu dia.

O S. João da Figueira
Não tem velas no altar;
Se o santo me casar cedo
Sou eu que lh'as vou levar.

O S. João da Figueira
Vive mesmo ao pé do mar:
Detraz da sua capella
Anda a sardinha a saltar.

Alem vem o barco novo
Feito pelos pescadores:
Trazem dentro S. João
Todo coberto de flores.

Raparigas de Buarcos
São feias mas cantam bem;
Quando vão a abrir a boca
Cabe-lhe um pão de vintem.

Oh Buarcos, oh Buarcos,
A Figueira está ao pé:
Quero ver o meu amor,
Que a vontade boa é.

Eu já vi nascer o sol
Nos areaes do Mondego:
Enganei-me era o teu rosto,
Que o sol não nasce tam cedo.

Oh areal do Mondego
Não sei como tens areia:
Quer de noite quer de dia
O meu amor se passeia.

Virgem das Necessidades (1)
Dizei-me onde moraes?
Móro ao pé da Risca Silva
No meio de uns pinheiraes.

Da minha janella rezo
Á Senhora da Saúde, (2)
Que me tire do sentido
A quem eu lograr não pude.

Adeus serra da Louzan,
Quem tem cepa faz carvão:
Por causa de um carvoeiro
Trago negro o coração.

Adeus serra da Louzan
Aonde a neve aparece:
Gostava de te fallar
Sem que ninguem o soubesse.

(1) Em Villa Nova de Poiares.
(2) Junto ao logar de Revelles.

Já lá vai o sol abaixo
Metido num pucarinho:
Já lá vai o brio todo
Das moças de Villarinho. (1)

Adeus oh rio de Ceira (1)
Vai regar aos Carvalhais:
Oh amor da minha alma
Inda aqui me alembrais!

Adeus, adeus rua Nova, (1)
Rua direita ao Regueiro
'Stá o meu amor defronte
Á sombra de um castanheiro.

Senhora da Piedade (1)
Viradinha p'ró nascente:
Se não fossem os milagres
Não vinha cá tanta gente.

Senhora da Piedade (1)
Entre vales e outeiros:
Agora vem a chegar
O rancho dos papeleiros.

---

(1) Louzan.

Senhora da Piedade
O caminho pedras tem:
Se não fossem os milagres
Já cá não vinha ninguem.

Quem tem amores não dorme
Isso mesmo digo eu:
Que farei eu que os tenho
Na cidade de Vizeu!

Cemiterio de Vizeu
Que na frente tens a morte:
Desgraçada rapariga
Que caiste em triste sorte!

Dizes que tenho amores
No caminho de Vizeu:
Tu não tens nada com isso,
Se os tenho bem haja eu!

Castello de cinco quinas,
Não ha outro em Portugal,
Senão ao cimo do Côa
Na villa do Sabugal.

Lindas aguas tem Trancoso,
Melhores as tem Marialva,
Melhores as tem minha terra
Que é Castendo de Penalva.

Adeus ó villa de Fornos,
Pequenina mete graça:
Tens um chafariz ao fundo,
Dás de beber a quem passa.

Adeus cidade da Guarda,
Mais quanto a Guarda tem:
Com seus quartilhos de vinho
Os seus trigos de vintem.

Adeus cidade da Guarda,
Inda este mês lá hei-de ir,
Para matar saudades
De quem não pode cá vir.

Adeus Villa de Midões,
Rodeada de olivaes,
Tens rapazes tam bonitos
Raparigas muito mais!

Adeus Midões dos padeiros,
Adeus oh Casal do pão:
Villa do Mato das moças
Tam cheias de presumção!

Oh que lindos arredores
Tem Celorico da Beira:
Melhor os tem minha terra,
Que é o lugar de Maceira.

Já lá vão as trez pombinhas,
Vão beber ao rio Dão:
Levão o pombo no meio,
A servir de guardião.

Senhora da Lapa vai-se, (1)
Minha mãe eu vou com ella:
Que se vai a luz do mundo
A alegria desta terra.

Oh Senhora do Monte Alto (2)
Eu bem alto vo-lo digo:
Não volto cá outro anno,
Sem trazer amores comigo.

---

(1) Gouveia.
(2) Arganil.

Oh alta serra da Estrella
Onde coalha a neve pura:
Quem é firme é desgraçada,
Quem é falsa tem ventura.

Oh minha pombinha branca,
Aonde queres que eu te leve?
Leva-me á serra da Estrella,
Enterra-me ao pé da neve.

Oh alta serra da Estrella
Onde está tanta lindesa:
Quem lograr estes teus olhos
Escusa de mais riquesa.

Oh São Paio, oh São Paio,
Oh milagroso santinho,
Hei-de cá voltar p'ró anno
Lavar o santo com vinho.

Oh São Paio, oh São Paio,
Oh São Paio da Torreira, (1)
Prometo-vos para o anno
De cá não tornar solteira.

(1) Romaria no distrito de Aveiro.

O VIRA

(CHOREOGRAPHICA)

Meninas, vamos ao vira,
Que lá vem a viração:
Lá vem o comboio novo
A chegar á estação.

Meninas, vamos ao vira,
Que lá vem a viração:
Que lá vem os marujinhos
A cheirar ao alcatrão.

Meninas, vamos ao vira,
Que o vira é coisa boa:
Eu já vi dansar o vira
Aos faias lá de Lisboa.

Meninas, vamos ao vira,
Que o vira é coisa linda:
Eu já vi dansar o vira
Aos rapazes de Coimbra.

Meninas, vamos ao vira,
Que o vira é uma rosa:
Eu já vi dansar o vira
Ás moças da Pampilhosa.

Oh vira, oh lindo vira,
Oh vira do Vimieiro:
Viras, tu, ou viro eu,
Qual de nós vira primeiro?

Meninas, vamos aos vira,
Que lá vem a viração:
Minha mãe é mãe do vira,
E o vira é meu irmão.

Meninas, vamos ao vira...
Vira torna-te a virar:
O vira tem sete voltas,
Outras sete lhe hei-de eu dar!

Meninas, vamos ao vira...
Vira torna-te a virar:
Vem tu cá para os meus braços,
Mil beijinhos te hei-de dar.

O çapateiro é pobre,
Ajudai-o a viver:
Meninas, dansai o vira
'Té os çapatos romper.

ÍNDICE